

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-graduação em Psicologia.

**OS DISCURSOS ENQUANTO UM MODO DE
LEITURA DOS LAÇOS SOCIAIS NA INDÚSTRIA:
UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO VISANDO A IMPLICAÇÃO DO
FUNCIONÁRIO EM SEU DISCURSO.**

CLÁUDIO REZENDE.

Belo Horizonte

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CLÁUDIO REZENDE

OS DISCURSOS ENQUANTO UM MODO DE LEITURA DOS LAÇOS SOCIAIS NA
INDÚSTRIA: uma proposta de intervenção visando a implicação do funcionário em seu
discurso.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade
Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Professor Doutor Luis Flavio Silva Couto.

Belo Horizonte
2008

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Rezende, Cláudio

R467d Os discursos enquanto um modo de leitura dos laços sociais na indústria: uma proposta de intervenção visando a implicação do funcionário em seu discurso / Cláudio Rezende. Belo Horizonte, 2008. 104f.

Orientador: Luis Flavio Silva Couto

Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

1. Discursos. 2. Sujeito. 3. Psicanálise. 4. Trabalho. 5. Intervenção (Psicologia). 6. Lacan, Jacques, 1901-1981. 7. Indústria 8. Comportamento organizacional. I. Couto, Luis Flávio Silva. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa e Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.964.2

Cláudio Rezende.

Os discursos enquanto um modo de leitura dos laços sociais na indústria: uma proposta de intervenção visando a implicação do funcionário em seu discurso.

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Belo Horizonte, 2008.

Professor Doutor Luis Flavio Silva Couto (Orientador) – PUC Minas.

Professora Doutora Ilka Franco Ferrari – PUC Minas.

Prof. Doutor Oswaldo França Neto - UFMG

DEDICATÓRIA

*A todos que, de algum modo e mesmo sem o perceber, privei de minha
entrega durante esse tempo.*

AGRADECIMENTOS

Embora saiba da impossibilidade de conseguir agradecer a todos que contribuíram para que esse trabalho chegasse até aqui, não poderia deixar de citar alguns:

Primeiramente agradeço a meu pai Antônio, que tanto me ajudou no início desse trabalho.

Minha mãe Lourdes que nunca deixou de insistir, mesmo quando não sabia exatamente o alcance desse percurso, que esse era um caminho a ser percorrido.

À minha mulher Andrea, companheira constante e que tão amorosamente compartilhou comigo nossos primeiros dezessete meses de casamento estando eu nessa empreitada, entendendo, incentivando. Te amo muito..

A irmãos Mônica e Anderson que tantas vezes, e de tantas maneiras, me deram força.

Ao meu eterno professor Luis Flávio, que tive a felicidade de ter como primeiro supervisor de estágio. Como lhe devo o treino da escuta!

Como orientador de mestrado sempre cuidadoso, disponível, apaixonado e firme no propósito de instigar, num estilo tão seu.

Creio que todos têm alguém em quem se inspirar quando falta inspiração. Hoje, como professor universitário me inspiro em você Luis Flávio quando me falta inspiração nessa – às vezes árdua – tarefa de transmitir.

Muito obrigado. Sem sua preciosa orientação e sem seu enorme investimento (mesmo antes de vir a ser meu orientador), esse trabalho teria sido muito mais árduo.

Á amiga Camila Grasseli e professora Maria José pelo auxílio precioso nessa reta final. E a meu amigo Silvio que confiou em mim para desenvolver, na prática, uma proposta tão audaciosa.

“Renda-se, como eu me rendi.
Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei.
Não se preocupe em ‘entender’.
Viver ultrapassa todo entendimento”.

Clarice Lispector.

RESUMO

Partindo da idéia lacaniana de que toda relação entre o sujeito e o outro se dá por meio de um laço social, o presente trabalho analisa os modos como se estabelecem os laços sociais no ambiente da indústria, a partir de cada um dos modos discursivos propostos por Lacan. O objetivo dessa análise é pensar um modo de escuta que possibilite ao sujeito se implicar em seu discurso, assumindo suas responsabilidades na manutenção de uma situação da qual se queixa e da qual participa ajudando a manter, o que possibilita um primeiro discernimento do sujeito em sua posição frente ao real, e o auxilia a se posicionar de maneira mais satisfatória frente a esse real.

Palavras-chave: Psicanálise lacaniana; os quatro discursos, efeitos terapêuticos rápidos, ciclos dialéticos, primeiro discernimento, indústria.

ABSTRACT

Starting out from the lacanian idea that all relationship between the subject and the other is developed by a social bond, this present work analyses the way how social bonds are established in the industrial environment, starting out from each one of discursive ways proposed by Lacan.

The aim of this analyze is to think of a way of listening that makes possible to the subject to get involved in his discourse, taking responsibility in the maintenance of a situation that he complains and takes part into, which provides a first discernment of the subject and its position before the real, and helps him to take place in a more satisfactory way before this real.

Key-words: Lacanian psychoanalysis, the four discourses, quick therapeutic effects, dialectic cycles, first discernment, industry.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. OS QUATRO DISCURSOS ENQUANTO POSSIBILIDADE DE LEITURA DOS LAÇOS SOCIAIS PRESENTES NA INDÚSTRIA.....	15
2.1. Os discursos.....	17
2.1.1. Os discursos enquanto modos de laço com o outro.....	17
2.1.2. Discursos e palavra.....	19
2.1.3. <i>A formalização dos discursos</i>	21
2.2. A composição dos matemas.....	22
2.3. Os quatro discursos na direção do tratamento.....	24
3. O DISCURSO CAPITALISTA COMO CENÁRIO.....	26
3.1. A formalização do discurso do capitalista.....	27
3.2. Saber como mercadoria.....	30
3.3. Saber x gozo.....	33
3.4. Do coletivo ao um.....	37
4. A INDÚSTRIA E O DISCURSO DO MESTRE.....	40
4.1. A formalização do discurso.....	40
4.2. Pensar o discurso do mestre na indústria atual.....	43
4.3. A tentativa de poder e ordenação.....	46
4.4. O pai.....	48
5. O DISCURSO UNIVERSITÁRIO.....	50
5.1. Transição do discurso do mestre antigo ao discurso do mestre moderno (universitário).....	51
5.2. O saber e a educação no discurso universitário.....	52
5.3. O discurso universitário, a engenharia, a administração e a psicologia.....	55
6. O DISCURSO DA HISTÉRICA NA INDÚSTRIA.....	61
6.1. A formalização do discurso da histórica.....	62
6.2. O lugar de agente no discurso da histórica.....	64
6.3. Intervir no discurso da histórica.....	73

7. O DISCURSO DO ANALISTA COMO HORIZONTE	76
7.1 A formalização do discurso do analista.....	76
7.2. Saber e verdade.....	81
7.3. Encontrar um analista e os giros discursivos.....	82
7.4. Aplicar a psicanálise à indústria.....	85
7.5. Efeitos terapêuticos.....	88
7.6. Pensar a posição de semblante de objeto <i>a</i> de um analista na indústria.....	92
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
9. BIBLIOGRAFIA.....	99

1. INTRODUÇÃO

Num período entre os anos da minha graduação e os três anos que se seguiram à minha formatura, guardei uma certeza: jamais atuaria em Psicologia Organizacional e do Trabalho. Tal decisão se devia ao fato de que tudo o que eu lia e ouvia sobre a atuação do psicólogo organizacional se dividia em duas possibilidades de atuação: ou essa atuação era junto a sindicatos trabalhando pela saúde de trabalhadores afastados do trabalho, adoecidos por relações estabelecidas durante anos ou então essa atuação era como funcionário de empresas trabalhando no RH (Recursos Humanos) em programas de treinamentos, avaliação de desempenho, recrutamento e seleção ou programas para aposentadoria. Quando muito, tinha notícias de psicólogos que atuavam como autônomos junto a empresas prestando os mesmos serviços acima, além de consultorias e palestras. Em outras palavras, ou se estava do lado da empresa, tentando ensinar os trabalhadores a se comportarem bem e não atrapalharem o bom funcionamento dos negócios, na lógica do discurso da universidade, ou se atuava do lado dos trabalhadores apontando os erros e as responsabilidades das empresas pelo adoecimento dos trabalhadores, na lógica do discurso da histórica. Não havia visto, até então, algo sobre a atuação da psicanálise em empresas. Desse modo, considerar o inconsciente nesse espaço era, como tantas vezes ouvi/ouço, algo impossível ou, no mínimo, uma extravagância teórica sem nenhum valor prático.

Para que nada sobrasse de dúvida sobre esta minha decisão, durante minha graduação consegui um estágio extracurricular em uma empresa de recrutamento e seleção. Extracurricular para não manchar meu currículo – segundo meu pensamento na época. Lá, as coisas não deram muito certo. Acabei oferecendo uma escuta aos candidatos, além do que o planejamento da empresa previa. Até que, certo dia, ao chegar à empresa, encontro em minha mesa um bilhete da gerente de RH com a seguinte questão: “você está louco?” Talvez eu estivesse meio enlouquecido¹ em relação à lógica do discurso do capitalista ou universitário que organizava o funcionamento da empresa, que, como tal, tomava os candidatos a um emprego como uma coletividade de desempregados, de candidatos a serem

¹ Embora, creia, a questão não fosse de forclusão das leis do capitalismo que vigoravam na empresa e sim uma tentativa de burlar tais leis.

recrutados, selecionados e enviados a outras empresas. De maneira limitada, eu tentava ouvir o particular de cada caso, às vezes intervinha, tentando provocar uma reflexão sobre o desejo daqueles candidatos em relação à vaga para a qual se candidatavam, além da necessidade de um trabalho necessário e imediato. Tentava fazer um trabalho, hoje não tenho dúvidas, clínico – e qual trabalho executado por psicólogo ou por um praticante de psicanálise pode não ser um trabalho clínico? -, de escuta, independente de sua área de atuação. Escutar não o blá-blá-blá do gozo mortífero da neurose, disso devemos nos poupar, mas intervir mobilizados pela ética da escuta do inconsciente.

Pouco tempo depois de formado, passo a receber repetidos convites para trabalhar com treinamentos em empresas, até que, a contragosto, e por necessidades financeiras me vejo forçado a aceitar um desses convites.

Começo então a trabalhar com pacotes de treinamentos para grandes empresas, sempre tentando burlar um pouco as regras, oferecendo a escuta quando o planejado é ensinar, até que em um dado momento resolvo montar uma proposta de trabalho onde o objetivo é a produção subjetiva. Para isso proponho ouvir os funcionários e, a partir de suas falas, intervir, visando a implicação do sujeito em seu discurso.

A proposta acaba sendo aceita mais rapidamente do que eu podia imaginar e um dos primeiros funcionários que escuto, se apresenta em sua divisão subjetiva entre o gozo e o desejo: no primeiro contato com esse funcionário ele se mostra insatisfeito com a empresa e com os colegas e afirma que, se ganhasse uma bolada, diria umas boas para umas pessoas na empresa e sumiria, iria viajar pelo mundo, curtindo a vida. Pouco tempo depois tenho notícias que ele, de fato ganhou a tal bolada: fez aplicações financeiras na bolsa de valores e ganhou uma soma muito alta com a grande valorização das ações de uma empresa. No segundo contato com esse mesmo funcionário, eu o encontro angustiado: não sabe o que fazer. Diz que vai ficar maluco: tudo o que ele mais queria aconteceu e ele não sabe o que fazer com a própria vida. Como se a vida lhe fosse dada de repente, com tudo a que tinha direito e ele não soubesse como conduzi-la.

Alguns meses depois tenho notícias que ele continuava na empresa, trabalhando insatisfeito sem saber o que fazer, retratando o horror do sujeito que diante da escolha que precisa fazer entre o gozo e o desejo, não consegue se decidir por pagar o preço, abrindo

mão dessa cota de gozo que o mantém atrelado ao outro, não conseguindo se libertar tomando os rumos da própria vida.

Ao meu ver, esse entre vários outros que encontro sempre em minha prática, é um exemplo claro de que o que mantém o funcionário atrelado ao Outro (empresa) muitas vezes é algo que está para além da necessidade prática de ter meios para sobreviver. Há aí um gozo. Nesse sentido, o funcionário está na empresa para além da função que lhe nomeia e dá existência. Ele ali está com seu gozo e com seu nada querer saber sobre esse gozo, que provoca a alienação de seu desejo.

A presente proposta é uma primeira tentativa de teorizar sobre a experiência de alguém que se posiciona na indústria, não do ponto de vista da gerência, visando ao bom funcionamento dos negócios e sim fazendo-se de semblante de objeto *a*, para possibilitar, mesmo que minimamente, um primeiro discernimento do sujeito em sua posição no real . Para isso fazendo uso de forma pragmática da proposta lacaniana de leitura dos discursos como modo de laço entre o sujeito e o outro.

Não se trata de efeitos terapêuticos rápidos, visando a completção de um ciclo, mas sim ao campo da psicanálise aplicada, não a um sintoma mas ao mal-estar, a um sinto-mal, que se instaura quando as coisas deixam de funcionar bem no modo de funcionamento da indústria. Nesse momento sou chamado pelo gerente para resolver aquilo que não funciona bem, que não marcha bem.

Porém minha posição não é da tradicional posição do psicólogo na indústria, que irmanado com o gerente, busca fazer com que as coisas entrem novamente nos eixos. Nesse sentido, essa não pode ser tomada como uma proposta de Psicologia Organizacional e do Trabalho, pois esta toma como base para seus atos o indivíduo em sua perfeita consciência que como tal pode ser educado, treinado, orientado a adaptar-se a um modo perfeito de funcionamento.

2. OS QUATRO DISCURSOS ENQUANTO POSSIBILIDADE DE LEITURA DOS LAÇOS SOCIAIS PRESENTES NA INDÚSTRIA.

Não há como pensarmos em um modo de relação civilizada entre o sujeito e o outro que não se dê pela via discursiva. No ambiente da indústria, o mesmo se dá, uma vez que essa, enquanto instituição civilizatória, institui a cota de recusa pulsional necessária para que se possa fazer parte de seu quadro.

Dessa maneira, independentemente de como se configuram as relações no âmbito da indústria, estas, necessariamente, se constituem a partir de um modo discursivo. Quando, por exemplo, alguém dá uma ordem imperativa para que se faça algo estamos diante do discurso do mestre; quando alguém frequentemente se queixa pedindo soluções ao chefe, podemos estar diante do discurso da histérica, etc.

Quando o analista recebe um candidato à análise no consultório, quando se depara com um usuário do sistema de saúde mental ou com um paciente em um hospital, esses sujeitos se apresentaram a partir de uma posição discursiva que privilegia um dos quatro modos propostos por Lacan. E a partir desse encontro com o analista, pelas intervenções desse e de seu trabalho subjetivo é que o sujeito pode se posicionar de modo diferente em seus laços com o outro.

Deste modo, independentemente do contexto, o que a presente proposta visa é uma reflexão sobre os modos de enlaçamento do sujeito com o outro, para isso abrindo mão de seu desejo de saber sobre seu inconsciente. O cenário aqui tomado como referência é o da indústria, mas poderia ser qualquer outro aparelho social onde se dá a cena do sujeito em sua relação com o outro. Cena, cuja configuração depende da participação tanto do sujeito quanto do outro, invariavelmente, pois como afirma Lacan no Seminário XVII, “nada indica, com efeito, de que modo o senhor imporá sua vontade. Não há dúvida de que aí é preciso um consentimento” (Lacan, 1969/1992a, pág. 28).

No presente trabalho os discursos são tomados como um modelo de leitura das relações que se constituem na indústria, isso porque, cada modo discursivo propicia uma leitura específica sobre esses enlaçamentos sociais.

Deste modo, nenhum discurso pode ser tomado como melhor que o outro, visto que o mais satisfatório é a circularidade, ou seja, que o sujeito transite pelos discursos, não estacionando em apenas um deles, num trabalho que lhe permita retificar sua posição diante do desejo do Outro.

Portanto, os discursos serão utilizados aqui para tentar ler os modos de laço que se estabelecem no espaço da indústria, espaço que, por fazer parte do contexto capitalista, tende a cristalizar os laços sociais em um discurso único. E esse estacionar em um modo discursivo tomando o outro sempre a partir do mesmo lugar é o que é problemático.

Esta proposta não poderia ser de cura analítica tampouco de entrada em análise por uma série de questões éticas e de condições envolvidas nesse encontro do sujeito com o discurso do analista² nesse espaço da indústria. O que se busca aqui é a implicação do sujeito em seu modo discursivo ou, em outras palavras, que o sujeito se dê conta, mesmo que minimamente, que adota posturas que promovem e contribuem para a manutenção de uma situação fixada em um ponto de gozo. É sim, portanto, uma proposta de tratamento lacaniano, no sentido de leitura dos laços sociais a partir dos discursos visando a que certa posição subjetiva seja abalada, mesmo que minimamente.

² Dizer do discurso do analista mostra-se mais adequado para a presente proposta, uma vez que este trabalho faz uma reflexão sobre os modos de laço entre o sujeito e um outro numa relação discursiva. Nesse sentido, evitou-se o uso de termos como analista ou praticante.

Os discursos.

“Cada formação humana tem por essência, e não por acidente, reprimir o gozo”
(Lacan, 1992).

Os discursos enquanto modos de laço com o outro.

Em seu texto “O mal-estar na civilização”, Freud afirma que:

o sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro.(FREUD, 1927/1974a, pág. 95).

Lacan irá tratar esse mal-estar na civilização como sendo o mal-estar dos laços sociais que se expressam nos atos de governar e ser governado, educar e ser educado, fazer desejar e na relação entre analista e analisante.

Os discursos são, portanto, a tentativa lacaniana de indicar, através de fórmulas matemáticas, os modos de laços sociais existentes entre o sujeito e o outro – matemas – num esforço para transmitir aquilo do real da estrutura que é suportado pelo discurso.

Esse mal-estar apontado por Freud estará representado, na elaboração dos matemas discursivos, pelo objeto *a*, que é aquilo de pulsional que a civilização exige que o homem renuncie, para que possa colher as benesses dos que “fazem parte”, dos que são acolhidos em seu seio.

Ao demonstrar os laços existentes entre o sujeito e o outro a partir de fórmulas matemáticas que revelam modos discursivos, Lacan insere a psicanálise no campo da gramática e da matemática, uma vez que faz uso das letras que servem de suporte para as palavras.

Os discursos são estruturados a partir da linguagem. O que quer dizer que os discursos são um modo de limitar o gozo pela linguagem, pois, como dito anteriormente, para pertencer ao mundo civilizado, o sujeito precisa pagar com uma cota de seu gozo. Todo discurso, portanto, envolve um gozo.

Em outras palavras, os discursos revelam os meios através dos quais o sujeito se utiliza para se relacionar com o outro, renunciando à pulsão de tomar o outro como um objeto a ser consumido. A civilização exige um movimento de renúncia pulsional e os laços sociais são o modo de limitação dessa pulsão em relação ao outro. Já o gozo revela onde, nessa relação com o outro, o sujeito está cristalizado, amarrado, preso aos ditames da civilização.

O campo do gozo é estruturado pela linguagem e aparelhado pelos discursos que constituirão a realidade como um modo discursivo de dominação do gozo. A realidade é, portanto, construída a partir dessa tentativa de lidar com o outro por outra via que não a do pulsional, enquanto objeto a ser consumido. Essa tentativa pode ser observada em todos os modos de realidade criados pela civilização, em todos os aparelhos civilizatórios criados pelo homem.

Para Quinet (2006), toda repetição é uma tentativa de reviver a primeira experiência de satisfação, para sempre perdida, o que provoca uma perda de gozo e essa perda de gozo, provocada pela constante busca da primeira experiência de satisfação, provoca o surgimento do objeto mais-de-gozar que causa a linguagem, para que se demande mais objetos que possam dar ao sujeito a ilusão da possibilidade de retomada dessa primeira experiência. Por outro lado, essa experiência de satisfação foi precedida pela vivência de algo da pulsão de morte. A repetição aqui pode ser entendida como uma tentativa de evitar o desprazer dessa vivência.

Porém o gozo sempre se manifesta e seu modo de manifestação é pela via da repetição. Repetição significativa que traz o saber do inconsciente, uma vez que este não está aí às claras, revelando um algo a mais desse gozo que sustenta tal repetição nos laços sociais. Em termos de matemas, o significante S1 representa o sujeito - chamado por Lacan de sujeito do inconsciente - para um outro significante S2. Esse sujeito do inconsciente se apresenta, portanto, nos intervalos entre os significantes, numa incessante repetição de gozo. No caso do discurso do mestre o S1, enquanto senhor, na posição de agente, manda o

escravo S2 produzir objetos *a* para que deles possa usufruir a sua mais-valia, tal como entendido por Marx e tomado como referência por Hegel na elaboração da “Dialética do senhor e do escravo” (HEGEL, 1999, v 2). O escravo, porém, como subverte Lacan, detém um saber fazer objetos e é desse saber fazer que ele retira seu gozo e do qual precisa abrir mão para mudar sua posição frente ao senhor, pois como ele afirma nos Escritos, “o gozo é fácil para o escravo e deixará o trabalho na servidão” (LACAN, 1960/1998a, pág. 825)³.

2.1.2. Discurso e palavra

O discurso é algo que, para além da palavra, determinará as diversas formas de escritura que buscam organizar e limitar os campos de gozo pelos quais os sujeitos são afetados. Sendo algo para além da palavra, nenhum discurso pode ser apreendido de maneira integral por elas, pois todo discurso contém um semidito que se manifesta em atos nas relações ente os seres falantes.

É importante marcar a diferença entre palavra e linguagem. Para Lacan a estrutura da linguagem rege a palavra e esta se aloja no lugar que a linguagem lhe reserva. Portanto a linguagem está para além das palavras e o sujeito implicado em um discurso não é necessariamente o sujeito das palavras e sim o sujeito dos ditos, muitas vezes sem palavras. Para ser captado é preciso interpretá-lo para que se possa compreender o discurso que enlaça um sujeito àquele momento específico.

Discurso e linguagem, portanto, não se equivalem, uma vez que discurso é o modo de organização estrutural do sujeito em sua relação com o outro e linguagem é o modo de expressão do sujeito, não necessariamente organizado. A clínica da psicose nos auxilia a diferenciar um do outro: na psicose há o sujeito da linguagem, mas não há o sujeito do discurso. No texto “O aturdido” (2003a), Lacan afirma que: o inconsciente está estruturado como uma linguagem e na análise se ordena em discurso. O psicótico, embora habite a

³ La jouissance est facile a l’esclave et elle laissera le travail serf. (Écrits, p.811): O gozo é fácil ao escravo e ele [o gozo] manterá o trabalho [do] servo. Ou, o trabalho servil.

linguagem, não consegue ordenar os elementos de forma a fazer parte de um discurso. Na tentativa de se inserir em um modo discursivo, consegue montar um arremedo de discurso que é o delírio.

Deste modo, podemos afirmar que as palavras são mais importantes para a psicologia do que para a psicanálise, uma vez que esta privilegia a apresentação de um sujeito, o que se dá nos intervalos das palavras e para que qualquer coisa faça sentido em psicanálise, deve ser a partir não da palavra, do fato e sim de uma escritura – simbólico - numa tentativa de inscrever algo do real através das letras. Deste modo, a psicanálise se insere no campo das práticas de leitura, mais que das palavras, visto que as palavras não realizam o que anunciam. Nem por isso, a psicanálise desconsidera a importância das palavras.

Ao dizermos que os discursos revelam o modo como o sujeito faz laço com o social, estamos dizendo que, mais que uma cadeia de significantes, faz-se uma conexão entre o lugar do sujeito e o lugar do outro, num campo que está para além das palavras.

Sendo algo para além das palavras, o que definirá o discurso é um ato, por exemplo, o ato de governar que marca o discurso do mestre, revelando um modo de lidar com o outro de uma forma objetivada pela ordem.

No caso da histérica, o ato pode se apresentar na forma de uma atuação que é o endereçamento ao outro de seu objeto de gozo, numa tentativa de que o outro interprete esse ato, diferentemente da passagem ao ato onde não há apelo a um outro a quem esse ato poderia ser endereçado.

Toda atuação envolve um não pensar, o que significa que ela é um ato endereçado ao outro a partir da posição do sujeito em um modo discursivo sem que disso o sujeito queira se dar conta. A atuação é então algo que pede uma decifração do outro, que pede uma leitura. O sintoma, enquanto ato sintomático, revela claramente essa demanda endereçada ao outro.

Atuação nesse sentido é aquilo que é produzido pelo sujeito com um endereçamento único: o outro. Desse modo, revela-se o sujeito em seus atos. E o ato para Lacan é um dizer que funda um fato.

Quinet (2006, pág. 42) nos lembra que:

(...)cada modalidade de ato determina a forma de tratamento do outro. No discurso do universitário, o outro é tratado como um objeto, como o estudante que ali está apenas para aprender. O ato legal visa o outro como um escravo, um operário, um trabalhador. O ato histórico se dirige ao outro como um pai que produzirá um saber. O ato analítico é o único que trata o outro como um sujeito.

A formalização dos discursos

Em seu texto “Análise Terminável e Interminável”, Freud afirma que:

(...) quase parece como se a análise fosse a terceira daquelas profissões ‘impossíveis’ quanto às quais de antemão se pode estar seguro de chegar a resultados insatisfatórios. As outras duas, conhecidas há muito mais tempo, são a educação e o governo (FREUD, 1937/1974c, pág..282)

Partindo dessa idéia freudiana das três profissões impossíveis e inspirado pelos movimentos estudantis de 68, Lacan irá propor os quatro discursos, acrescentando mais uma impossibilidade à lista de Freud que é a de se fazer desejar pelo Outro.

Portanto, cada modo discursivo guarda em si algo do real enquanto impossibilidade:

Impossibilidade de tudo governar – discurso do mestre;

Impossibilidade de educar – discurso universitário;

Impossibilidade de analisar a totalidade – discurso do analista;

Impossibilidade de se fazer desejar – discurso da histórica.

Entretanto, como há um enlaçamento do sujeito com o outro, não podemos pensar que a impossibilidade seja total. A aposta lacaniana - tomando os modos discursivos como modos de enlaçamento do sujeito com outro - revela esse algo possível. Deste modo, cada modo discursivo é estruturado a partir da consideração desse algo de impossibilidade, ou de real. Real enquanto aquilo que escapa à captura total. Os discursos revelam, portanto, a possibilidade diante do impossível da equivalência na relação sexual.

A composição dos matemas.

Para o presente trabalho, tomaremos a proposta de compreensão dos matemas discursivos tal qual proposta por Lacan no Seminário XVII (1970/1992) que tem um sentido mais histórico divergindo em alguns pontos do proposto em Radiofonia (1970/2003b, pág. 447).

Os discursos se organizam a partir de:

- Quatro lugares, indicando o que está velado naquele modo de laço social:

O AGENTE	O OUTRO
-----	-----
A VERDADE	A PRODUÇÃO

Quatro termos:

- S1 – Significante unário, Nome do pai, traço unário, significante da lei, falo simbólico. É o significante que representa o sujeito para outro significante. É o que atravessa e determina a divisão do sujeito. Essa idéia torna impossível a tentativa de equivaler o sujeito ao indivíduo, à pessoa. Porém é um significante vazio de significação que se localiza entre a falta de sentido e o absurdo.

- S2 – Significante binário ou saber. São os significantes que estão aí *a priori*. A exceção a esse saber dado nos discursos se faz no caso do discurso do analista, onde o S2 revela um saber inconsciente, portanto um saber a ser buscado.

- \$ - Sujeito barrado

(...) não pode ser conceituado em termos de organismos nem de necessidades. É sujeito justamente porque essa barra que o divide o faz vir a ser sujeito desejante; desejante de um objeto perdido, proibido, que insiste como objeto do desejo, escapando sempre às redes de S2, ao mesmo tempo que as sustenta. Sujeito da ordem simbólica, está para sempre enredado na rede significante (Rabinovich, 2005, pág 6).

- *a* – Objeto *a* - representa a presença da libido nesses discursos. É o supereu responsável pelo mal-estar, pelo incômodo na relação com o outro, é a voz crítica, é o

mais-de-gozar que prende o sujeito ao outro e do qual precisa se desvencilhar caso queira construir relações mais satisfatórias. No discurso do analista representa o objeto em sua vertente causadora da irrupção do desejo do \$.

E finalmente os quatro postos:

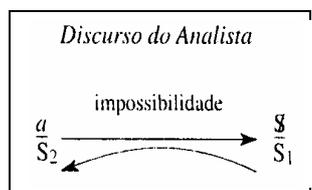
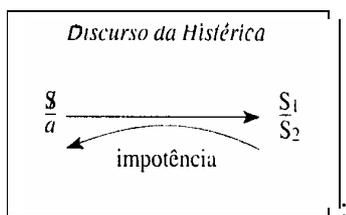
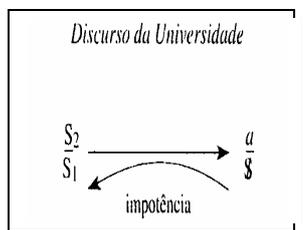
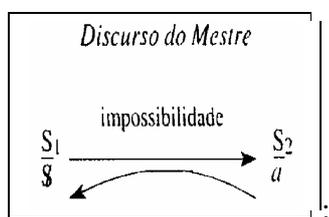
AGENTE: É o que organiza o discurso.

OUTRO: É o outro do discurso ao qual o agente se dirige, sempre submetido à alteridade irreduzível do Outro.

PRODUÇÃO: Marca o que é produzido pela relação discursiva. No caso do discurso do analista, revela o que resta da relação do sujeito com o objeto causa de desejo.

VERDADE: Revela aquilo que é dito somente a meias palavras visto que a verdade não pode ser toda dita.

A disposição desses termos definirá os modos discursivos que prevalecem em um dado momento, definindo os quatro discursos, da seguinte maneira:



Os quatro discursos na direção do tratamento.

Quando pensamos a direção do tratamento psicanalítico a partir dos discursos, estamos pensando em um trabalho que leve o sujeito a um giro nos modos discursivos, o que implica em mudanças na posição do sujeito diante do desejo do Outro.

Como dito anteriormente, não existe um discurso que seja mais satisfatório que outro, cada discurso revela um modo de enlaçamento do sujeito com o outro. Nem tampouco podemos afirmar que o discurso do analista seja privilégio daquele que pratica a psicanálise, nem que o discurso histérico seja o discurso do analisando. E do contato entre o sujeito e o analista, na direção do tratamento, o sujeito pode passar pelos quatro discursos diversas vezes.

O que é problemático, como no alerta Silvia Amigo (2001, pág. 110), é:

(...) quando alguém estaciona em algum discurso do qual não sai com facilidade tem muita chance de cair numa espécie de caricatura ou de ridículo". "Uma histérica permanente pedirá o tempo todo uma solução, pedirá alívio e provavelmente termine enojada porque sempre, apesar de receber ajuda, irá lhe faltar "a coisa" da qual deveriam tê-la provido.

Se alguém fica sempre no saber, e sabe, sempre sabe, pode chegar a provocar um cansaço total, esse saber acumulado sem que nunca se corra o risco de uma criação.

Se alguém estaciona no discurso do mestre jamais aceitará outro unário que não o seu e a 'luta mortal de puro prestígio' vai se instalar em seus vínculos complicando-os até a dissolução. Isto também vale para o discurso do analista. Se alguém pretendesse fazer semblante e ler o tempo todo, correria o risco de se colocar na patética posição de esperto, impondo aos seus próximos leituras que estes não demandaram.⁴

A capacidade de circular entre os discursos é indício de flexibilidade subjetiva, muitas vezes difícil de ser encontrada em muitos aparelhos sociais, como, por exemplo, a indústria, que tende a cristalizar as relações em apenas um modo discursivo.

Portanto, mesmo não sendo possível pensarmos em um sujeito com capacidade de se organizar em termos discursivos, que se sustente em sua relação com o outro em apenas em um modo discursivo, é sim possível pensarmos em enlaçamentos sociais que contribuam

⁴.grifos nossos

para a cristalização do sujeito em um único modo discursivo, dificultando sua circulação pelos demais modos, tendendo a tomar outro sempre a partir de um mesmo lugar.

Nesse sentido, o presente trabalho visa apontar os modos de estruturação dos laços sociais na indústria que contribuem para essa cristalização do sujeito em um modo discursivo.

Para o desenvolvimento dessa proposta, cada discurso será analisado separadamente, apontando as várias questões envolvidas em um determinado modo discursivo, como se segue.

3. O DISCURSO DO CAPITALISTA COMO CENÁRIO

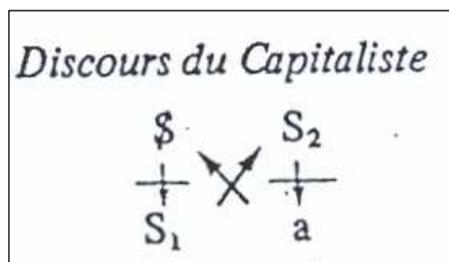
Em Milão (1972), Lacan, a partir de suas interrogações sobre o lugar da psicanálise na cultura, na política e sobre a posição política do analista, irá propor o discurso do capitalista como uma exceção aos discursos radicais uma vez que é um discurso que não possibilita o laço social por não haver nele, relação entre o agente e o outro, o que fica claro pela direção das setas do matema que representa o discurso. Pela lógica de funcionamento do discurso do capitalista o sujeito é convocado a enquadrar-se em torno de significantes que o coletivizam: funcionários (função), consumidores, bulímicos, internautas, cardíacos, homossexuais, mulheres, deficientes, tornando-se desse modo objeto acessível ao gozo do Outro.

O enlaçamento do sujeito ao outro se dá em um contexto específico que tende a facilitar ou dificultar a fixação de um modo discursivo. No caso da indústria, o cenário que favorece modos discursivos específicos de enlaçamento de um funcionário a um outro é o capitalismo, cujo modo de funcionamento exerce seu poder de fascínio sobre o sujeito, alienando-o de seu desejo e aprisionando-o dentro de uma lógica discursiva de tal modo que em alguns casos mesmo após a aposentadoria, o “ex” funcionários, “ex” reconhecido, “ex” gozado, ex-istente, levanta sempre no mesmo horário, veste o velho uniforme e gira (alienadamente) no entorno das indústrias onde trabalhava para o gozo do Outro ao qual permanece preso, mesmo não tendo mais utilidade dentro da lógica de funcionamento, da dinâmica de produção da indústria.

Nesse momento o funcionário aposentado passa a fazer parte da massa dos “ex” e desse modo pode maciçamente continuar alienado de seu desejo que lhe é particular, portanto não sendo encontrado em nenhum processo de identificação ou agrupamento.

Pensar sobre o modo discursivo do capitalista e seu poder de fascínio sobre o sujeito é o objetivo do presente capítulo.

3.1. A formalização do discurso do capitalista.



Como a própria representação do matema discursivo revela, esse discurso é uma exceção em relação aos demais discursos. Sendo uma exceção, não obedece à dinâmica dos demais, uma vez que, pela lógica de seu funcionamento, não há impossibilidade, e a circularidade completa do discurso não se dá devido ao giro nos elementos que possibilitariam o estabelecimento de mudanças na posição do sujeito em relação a seus modos de gozo. Nele a circularidade se dá entre os elementos do discurso e não entre os discursos. E o sujeito, enquanto mercadoria, circula entre os elementos do discurso. Nesse sentido, o discurso do capitalista tende a inviabilizar o enlaçamento do sujeito ao outro, que tem aqui valor enquanto mercadoria. Desse modo o sujeito tende a vagar solitário enquadrando-se em várias categorias.

Se pensarmos na idéia de tratamento pelos discursos, um trabalho que caia na lógica de funcionamento do discurso do capitalista fracassa, pois o sujeito torna-se mercadoria a ser usufruída e consumidor que tenta, a todo custo, usufruir do trabalho subjetivo.

Para esboçar o discurso do capitalista, Lacan provoca uma modificação na forma adotada nos outros modos discursivos. Do discurso do mestre ele toma os elementos que estão nas casas que se localizam, do lado esquerdo (S₁ e \$), invertendo-lhes a ordem, sem modificar os elementos que ocupam as casas localizadas do lado direito da fórmula do discurso do mestre.

O lugar da verdade no discurso capitalista é ocupado pelo capital enquanto S₁. No lugar do agente encontra-se o \$ enquanto consumidor, revelando que, na lógica do discurso

do capitalista, o que provoca a ação do funcionário é a lógica do mercado: o sucesso, o consumo, a aparência social.

No discurso do capitalista é o S1 que se relaciona com o outro (como demonstram as setas), porém essa relação com o outro se dá a partir da posição de verdade, demonstrando que o outro se relaciona com aquilo que, mesmo não declaradamente, mobiliza o \$, ou seja, os interesses do capitalismo. E esse outro com o qual o capital se interessa relacionar é o saber (S2). Saber da ciência que desenvolve tecnologias para que sejam produzidos objetos *a* (gadgets), com os quais o \$ se consome e, nessa relação, o que o sujeito consome é o que é produzido pelo gozo do capital. O capital goza do consumo desenfreado, o sucesso profissional, as metas, a ambição.

Nesse sentido, o outro que fascina o sujeito, tem valor de mercadoria produzida pelo saber da ciência (tecnologia), impulsionado pelo capital. Deste modo se justificam as massas que se reúnem deslumbradas diante de aparelhos de altíssima tecnologia assistindo a programas produzidos para as massas, tais como os reality shows que mostram pessoas que se relacionam ao gosto do consumidor em casa, decidindo seu destino; multidões de expectadores interessados na tecnologia da TV digital, mas apáticos afinal com o rumo das próprias vidas.

De tal modo é essa apropriação de saber, que produzir sem respeitar rigidamente o que é estabelecido, resultando em algo de particular não tem lugar no mercado globalizado, ou ocupa esse lugar como uma exceção, uma aberração. Deste modo, pode-se prescindir de um trabalhador em particular, que pode ser facilmente substituído, passando a não ter mais uma importância particular no panorama do Outro, mas jamais da mercadoria que esteja dentro das especificações do mercado. Na lógica do discurso do capitalista não há o particular, não há o caso único.

Com relação ao trabalho, Lacan, a partir da idéia de mais-valia trabalhada por Marx, irá lançar a idéia de mais-de-gozar, ou seja, partindo da idéia marxista de que algo no trabalho do proletário é apropriado pela ciência e pela filosofia, afirma que tudo aquilo que se produz, se paga com uma cota de gozo e que esse gozo é algo do qual o sujeito precisa abrir mão. Por não querer abrir mão dessa cota de gozo, o funcionário não pode se reapropriar de seu saber. O que significa que o funcionário paga com seu gozo por um

cenário que ajuda a construir. Afinal, como dito acima, não há capitalismo sem funcionários e consumidores que sustentem sua existência.

Não há, na lógica do discurso capitalista, o sujeito e, para esse, não há o outro. Na lógica do discurso do capitalista o sujeito se relaciona com a produção e o outro com a verdade não revelada do discurso. Os pontos de contato entre essas duas posições acabam se dando por idéias como o desempenho, o mercado, o consumo, os objetos de usufruto.

Como o discurso do capitalista é regido pelas tentativas de atender aos anseios de objetos para serem consumidos em larga escala, a tais tentativas são associadas idéias, imagens de que, caso faça parte de grupos específicos (bem informados, bem empregados, consumidores de sucesso), suas angústias serão todas aliviadas. Nesse sentido, como o consumo nunca alivia o sujeito de sua divisão, estes se tornam insaciáveis em sua demanda por objetos de consumo aos quais se associam imagens para que se tornem objetos do desejo. Assim, os sujeitos no discurso do capitalista estão aí sempre como falta-a-ser: ser rico, ser bem sucedido, destacar-se; num engodo de que se eu tudo tiver, toda falta pode acabar. Porém o que é produzido por essa lógica é o sujeito inadimplente, descapitalizado, somatizado, o “sujeito da dívida”. Dívida que só aumenta e com a qual se paga com empréstimos, juros e síndromes que agrupam os sujeitos em torno de patologias, de classificações. Nessa lógica, o sujeito se sente sempre incompetente por não conseguir produzir, consumir e trabalhar mais e mais. Confundindo-se cada vez mais, fundindo-se na massa globalizada, coletivizada de consumidores, e de funcionários. Não há o caso a caso, o sujeito com seu desejo, há o sujeito do gozo globalizado, com o qual se comunica em massa, que atende ao chamado mundial ao consumo, como afirma Quinet (2006) no texto “Psicose e laço social”.

Nesse sentido, o discurso do capitalista está em oposição à lógica do sujeito do inconsciente, a partir da qual o discurso do analista lê os laços sociais. Para o discurso do analista não há como intervir no coletivo, na equipe como um todo é preciso considerar o particular de cada caso, o caso a caso, o um a um.

3.2. Saber como mercadoria.

O mestre antigo ao se apropriar do saber transforma-o em um saber globalizado que adquire assim um estatuto de objeto, passando deste modo a ter um valor de mercado respeitando, portanto, as leis do mercado da oferta e da procura. O trabalhador perde, com isso, a dominância sobre o saber fazer. Não é mais o trabalhador tal que produz algo de um modo especial que só ele sabe como fazer de um jeito que lhe é particular. Com essa apropriação do saber fazer pelo senhor, pela ciência, qualquer um pode produzir qualquer produto desde que disponha dos aparatos tecnológicos e dos ensinamentos de como deve ser produzido obedecendo rigorosamente os padrões exigidos pelo mercado. Para que possa produzir, precisa agrupar-se a outros que buscam a adquirir esse conhecimento específico sobre o como fazer em cursos e treinamentos oferecidos pelas empresas.

Foi exatamente essa apropriação do saber fazer pelo senhor (discurso universitário) que ofereceu as condições para o surgimento do discurso do capitalista. Nesse panorama, como o saber pertencia originalmente ao trabalhador (escravo antigo), o próprio trabalhador passa a ter um valor enquanto mercadoria que pode ser trocada, vendida, comprada. Portanto foi a apropriação e a globalização do saber que acabou por dar existência ao discurso do universitário que passa a constituir-se como efeito de uma produção discursiva e posteriormente ao discurso do capitalista.

Apesar de o discurso do capitalista ter uma estrutura de linguagem, nele o sujeito não se constitui nos intervalos entre os significantes. O que ocorre nessa estrutura de linguagem é que o consumidor se constitui entre os objetos que consome (mede-se o valor de um consumidor pelo seu poder de consumo) sendo, portanto todo apreensível pelas leis de mercado: o que consome, como, quando, onde, de que modo, como gosta de ser atendido, etc. Esse é o saber que interessa. E não há como pensarmos em consumidor – e em ultimo caso, em funcionários - sem o consumo de objetos, que são produzidos pela indústria.

No discurso do capitalista, o saber e o funcionário adquirem valor de mercadoria. E como mercadoria, precisam ter seu valor aumentado. Lacan trabalha a idéia do valor de mercadoria que o saber e o funcionário adquirem a partir das noções de dentro e fora, ou

seja, esse “objeto” (saber, funcionário), passa a ser tratado a partir de seu valor de uso e troca. Como mercadoria com valor de mercado, precisa poder ser depositado e estocado para que tenha aumentado o seu valor. Estando estocada, a mercadoria não é para ser consumida, portanto ela fica à espera, aguardando que a dinâmica da oferta e da procura aumente seu valor. Enquanto isso, seu valor é reduzido. O que na prática, no caso dos funcionários, significa que a indústria cobra uma capacitação cada vez maior, participação em programas, cursos, levando-o a se especializar cada vez mais naquilo que nada lhe diz sobre si mesmo.

Desse modo, o funcionário se capacita cada vez mais, estuda cada vez mais para atender ao que lhe é solicitado, abrindo mão de seu desejo. Em muitos casos, o grau de especialização é tão elevado que, caso decida sair daquela empresa, em nenhuma outra encontrará espaço para desenvolver seu trabalho, tão específico e de atendimento ao gozo tão particular de uma indústria específica. São funcionários altamente especializados em uma área, que nunca questionam o gozo que os mantém atrelados ao desejo do Outro, pagando com o seu desejo e não com a cota de gozo, que seria necessário para que pudessem mudar sua posição discursiva. Isso acaba por elevar o valor de mercado das indústrias na bolsa de ações: funcionários altamente especializados, desenvolvendo tecnologia de ponta, etc.

Desse modo, estocado em uma indústria específica, o funcionário tem um altíssimo valor de mercado. Entretanto, caso seja disponibilizado para ser adquirido no mercado, não tem valor, pois a lógica é a do depósito: enquanto engenheiro, operador de tal indústria, tem um alto valor de mercado, enquanto mão-de-obra disponível no mercado vale tanto quanto outro qualquer, como no recorte abaixo:

Félix⁵ é um funcionário altamente especializado, capacitado, de alto valor para a indústria de papel em que trabalha há muitos anos..Tal é seu grau de especialização que frequentemente é convidado para se apresentar em congressos no Brasil e no exterior

⁵ Todos os nomes foram alterados para preservar a identidade, bem como outros dados que poderiam possibilitar a identificação dos entrevistados, tais como: tipo de indústria, cargo que ocupam e até mesmo, em alguns casos, o sexo.

(como funcionário da indústria em que trabalha) para falar sobre métodos inovadores que elaborou e ajudou a implantar, dá aulas em uma universidade federal como professor convidado, exatamente pelo seu alto grau de especialização e conhecimento sobre um tipo específico de análise de madeira modificada geneticamente.

Na entrevista, ele fala de seu histórico profissional questionando-se se é grande coisa esse percurso profissional, esse conhecimento, afinal se quiser sair daquela indústria, esse conhecimento, de tão particular, não será de grande valia no mercado de trabalho: -“sou ótimo nisso que faço e aqui”. Afirma que aceitou as aulas na universidade por vaidade, mas não sabe se gosta de ensinar, acha que não tem muita paciência para isso. Diz gostar de trabalhar sozinho pois não gosta de ficar escutando e explicando as coisas para os colegas, embora saiba que a chefia vê nele um “líder” devido a esses conhecimentos acumulados.

Poucos meses depois de nossa primeira conversa, a área onde trabalha Félix passa por mudanças devido à demissão de um gerente e ele é convocado a ocupar a vaga para seu espanto e incômodo.

Em nossa segunda conversa ele diz que assumiu a função, “o que poderia ter feito?” Ao ser confrontado com a sua questão – o que poderia ser feito? – ele nada quis saber sobre isso que lhe escapa afirmando que deixará a equipe caminhar. “É uma equipe muito autônoma e que, felizmente, não demandaram tanto dele”. Revela a sua incapacidade de abrir mão da cota de gozo que o mantém atrelado ao Outro. Caso se recusasse a ocupar o lugar que o Outro lhe reservou, dificilmente sofreriam represálias, afinal, como mercadoria estocada, aumenta o valor da empresa onde trabalha, tornando-a mais visível no mercado.

Para que possa tocar algo do seu desejo, para que possa querer saber “o que poderia ter feito?” é necessário que se consiga abrir mão da gota de gozo que reserva ao funcionário o lugar de mercadoria. Para isso é necessário que abra mão da “ vaidade”, do gozo em ser admirado como o que mais sabe - sobre algo que nada lhe diz sobre seu desejo – abrindo mão do lugar de sucesso, de destaque. Afinal, que valor pode ter para o mercado consumidor um sujeito que se sabe barrado, faltoso? O máximo de particularidade que o discurso do capitalista pode aceitar é a da indivisibilidade, da totalidade do indivíduo enquanto a menor porção da coletividade e, por essa noção, não há como não querer atender ao chamado do Outro.

3.3. Saber x gozo.

Na perspectiva do discurso do capitalista, o saber ocupando seu lugar como mercadoria acaba por tomar o lugar do objeto *a* em sua versão mais-de-gozar, na lógica discursiva. Na versão mais-de-gozar, o objeto adquire características de objeto real, podendo, portanto, ser adquirido, utilizado, consumido. E, se nos discursos radicais o objeto *a* não pode ser tocado, visto que sempre escapa, sempre desliza, no discurso capitalista esse objeto pode, imaginariamente, ser tomado, adquirido, comprado, consumido. Mas isso apenas de forma imaginária, pois o objeto *a* sempre guarda algo do real, da não equivalência da relação sexual. Afinal, é esse real que sustenta, mesmo que de forma muito precária no discurso do capitalista, os laços sociais. Isso implica em que o funcionário creia que tudo desse real pode ser apreendido, que caso se esforce muito, produza muito, se destaque dos colegas, poderá satisfazer o desejo do Outro e que essa satisfação, que é do Outro, poderá lhe trazer alívio.

Ao produzir a idéia de que a realização do desejo é algo possível, o discurso do capitalista acaba causando a subversão do desejo do sujeito, uma vez que até então a realização do desejo, tinha um estatuto de impossibilidade, pois estrutural e discursivamente há uma disjunção entre o sujeito, o objeto *a* causa de seu desejo e um saber total sobre esse desejo. Na lógica do discurso do capitalista, o saber é tomado pelo

estatuto de mercadoria e o objeto *a* passa a ser acessível ao sujeito que se aliena no consumismo, perdendo-se de seu desejo, ficando refém do usufruto de mercadorias e preso ao gozo do Outro.

Ocupando o lugar de agente do discurso capitalista, o sujeito \$, se vê no centro das atenções, onde todas as suas vontades deverão ser atendidas. Portanto o sujeito ocupa esse lugar com um saber não sobre seu desejo, mas sobre seu consumo, visto que o saber ao qual se dirige é o objeto *a* como produção, que no discurso do capitalista é objeto de gozo, de mais-de-gozar. E como na lógica discursiva do discurso do capitalista todos os elementos têm uma perfeita correlação, o sujeito tem acesso, se relaciona com esse(s) objeto(s) que é (são) produzido(s). E a lógica que o discurso do capitalista mantém - a das leis do mercado, da oferta e da procura - é a da produção cada vez maior desses objetos que são acessados pelo sujeito, convocando ao consumo desenfreado do que é produzido, o que provoca o distanciamento do sujeito cada vez e sempre mais do impossível, portanto de seus desejos.

Pelo dispositivo do discurso do capitalista, o sujeito ao fazer uso de seu saber para consumir objetos *a*, acaba por tornar a si mesmo, objeto de consumo, obedecendo às leis do mercado: quem consome é ouvido, tem lugar na impessoalidade das leis que regem a massa de consumidores. Todos se irmanam pelas leis do consumo e não pela Lei da Castração.

Se no discurso da histórica o sujeito ocupa seu lugar com o seu desejo e o seu sintoma, no discurso do capitalista, o sujeito o faz com sua demanda de objetos para serem consumidos e que lhe são oferecidos graças à apropriação de seu saber, pela indústria.

Deste modo, há uma certa negação da castração e, conseqüentemente, da negação da divisão subjetiva, uma vez que o objeto *a* ocupa a cena no discurso como mais-de-gozar, que, não sendo livre por estar atrelado ao saber, é de acesso possível ao sujeito, já que o discurso do capitalista aboliu a disjunção entre o lugar da produção e o lugar da verdade (há no discurso do capitalista uma circularidade completa entre os lugares) - a verdade é produzida pela indústria, não pelo sujeito como ocorre no discurso do analista. Tal lógica traz como conseqüência para o sujeito sua desvinculação com um saber inconsciente a ser buscado, uma vez que todo saber é, ilusoriamente acessível ao sujeito. Sendo assim um saber dado e não produzido.

Nesse contexto, a produção é tomada para o consumo, consumo em larga escala, escala que visa estancar o furo, o vazio, sem nunca consegui-lo. Isso alimenta o ciclo da produção: os objetos precisam ser cada vez mais eficientes e as tecnologias cada vez mais avançadas. Como não conseguem tampar esse furo, sempre haverá espaço para mais objetos, já que os anteriores, por se mostrarem rapidamente ineficientes para tamponar a falta, são - desde sempre - obsoletos.

Como a fabricação desses “[a]bjetos” estão sempre atrelados ao trabalho, para produzi-los e para consumi-los, o sujeito se vitimiza na cena desenhada no discurso do capitalista, uma vez que se sente sempre compelido a produzir e a consumir, na busca cada vez maior do sucesso, sem nunca consegui-lo completamente.

Não havendo impossibilidade no discurso do capitalista, a verdade pode ser toda dita, dita por toda a queixa de um funcionário sobre o outro, da indústria sobre o funcionário, do funcionário sobre a indústria. Desse modo, quando não se consegue dizer tudo sobre o real do gozo, os funcionários terminam por reclamar de problemas de comunicação, de relacionamento, de falta de treinamento, em suma, das faltas de todos os outros.

Para acomodar o sujeito em seus negócios, o discurso do capitalista alimenta-o dos objetos de consumo que não podem faltar ou sobrar e que precisam exercer fascínio no sujeito.

As desigualdades que inviabilizam o acesso do funcionário aos bens que produz são atenuadas por outros [a]bjetos substitutivos, que invadem o campo de gozo do sujeito sugando-o e fazendo dele também um [a]bjeto de gozo do outro. É o que Lacan denominou de *latusas*⁶: o nome forte da empresa, os bons planos de saúde e de salário dos quais não pode abrir mão, confraternizações, programas de participação nos lucros, viagens ao exterior, premiações.

Nessa lógica, aquilo que falta pode ser adquirido, sendo de responsabilidade da indústria e do mercado desenvolver os meios para isso. O que falta precisa ser ofertado como mercadoria pelo outro e lançado no mercado com imagens e linguagens que convoquem a massa ao consumo. Se o mercado diz que muitas pessoas moram sozinhas,

⁶ *Latusas* - pequenos objetos *a* produzidos e governados pela ciência para causar o desejo e serem consumidos freneticamente.

produz-se para atender a essa solidão; se o mercado diz que os homossexuais consomem muito, produz-se para atendê-los, num ciclo fechado onde nada, absolutamente nada pode faltar, mesmo que o excesso ameace a própria vida.

O exemplo abaixo ilustra o grau de alienação de seu desejo atendendo ao chamado do discurso do capitalista.

Em um encontro com uma equipe, que o RH faz questão de apresentar como de alto desempenho, que ocupa uma posição de extrema importância de uma indústria multinacional de celulose, que realiza pesquisas que possibilitam o avanço e as inovações tecnológicas da indústria frente ao mercado, um dos funcionários é confrontado pelos colegas por “nunca parar”. Segundo os relatos dos colegas, ele é um funcionário excelente, um bom colega de trabalho desde que não seja atrapalhado em sua rotina de trabalho. Porém, não cuida de si. Fuma compulsivamente, trabalha exageradamente, assume atividades que não pode realizar em seu horário normal de trabalho necessitando para cumpri-las, atravessar noites sem dormir, além de trabalhar nos finais de semana e nos feriados. Excessos que terminam por levá-lo ao adoecimento. Mora sozinho em um apartamento enorme, compra móveis caríssimos e não convida ninguém para fazer parte de seu mundo. É um ávido consumidor de brinquedos eletrônicos e de equipamentos de alta tecnologia. Passa os finais de semana sozinho em casa sem contato com ninguém em um mundo de isolado “sucesso”.

No contato com o funcionário, este tenta convocar o analista a se comunicar com ele a partir dos gadgets⁷ que consome. Fala de jogos, expõe coisas que consome (artigos de alta tecnologia, carros caros), interroga sobre o que precisa mudar para ser um funcionário ainda melhor, mostra-se sempre disponível para

⁷ Gadgets: um objeto de consumo rápido e passageiro.

executar atividades, evita se implicar na história que tráz, tentando sempre fazer um relato. E mais, não diz o que sente e nem como vê a história da vida que constrói. Antes do início de uma das atividades que tem como objetivo de que se coloquem, alerta que não participa de atividades nas quais tenha que se expor. Fez isso uma vez e ainda não se recuperou. Não sabe o que aconteceu, porque a atividade foi feita. Expôs-se buscando uma resposta da psicóloga e essa disse que não tinha uma resposta, que o objetivo não era responder (mostra-se espantado com a convocação ao trabalho subjetivo – qual era o objetivo? Qual era a resposta?).

Não tem limites, não há restrições, desde que não tenha que se haver com o gozo que o leva a alienar-se do seu desejo.

Como não poderia deixar de ser, pela lógica do discurso capitalista, o funcionário é visto pela empresa (RH, chefia) como um excelente funcionário. A empresa deseja ajudá-lo para que pare de fumar, para que não adoeça e para que a empresa não perca tão exemplar funcionário.

3.4. Do coletivo ao um.

É o Tédio! - O olhar esquivo à mínima
emoção,
Com patíbulos sonha, ao cachimbo agarrado.
Tu o conheces, leitor, ao monstro delicado.

Ao Leitor, Charles Baudelaire (2007)

O discurso do capitalista unifica todos em uma coletividade, um mercado de consumo, transformando tudo e todos objetos para o consumo: funcionários à disposição no mercado, consumidores ouvidos em oposição àqueles tornados excluídos e inexistentes para esse mundo.

O discurso do capitalista tenta abolir a lógica do sujeito desejante, substituindo-a pela lógica da lei do mercado, da oferta e da procura, tentando imprimir a lei do “todos iguais”.

A proposta de laço do discurso do capitalista não é com o outro e sim com um gadget, pregando a ilusão da possibilidade de realização e de completude, desde que se consumam os objetos adequados, incluindo-se aí o outro.

Como tal ilusão não pode se efetivar, o discurso do capitalista acaba por provocar a nostalgia, o tédio e o consumo de ideais de realização profissional, trazendo a ilusão desse Um prometido.

O discurso do capitalista é caracterizado pela negação da castração e da diferença dos sexos, o que acaba por impossibilitar a relação com o outro real, promovendo o enlaçamento do indivíduo com os objetos, mercadorias para o consumo rápido na tentativa de sobrepor o mercado à sociedade. É um discurso que, ao negar a lei da castração, inviabiliza ou, no mínimo, dificulta enormemente os laços sociais, apartando-o do outro que é tido como objeto a ser consumido.

Por ser um discurso que segrega, o único modo de lidar com as diferenças é pela exclusão: os que têm e o que não têm, os que trabalham e os que não trabalham, os que consomem e os que não podem consumir.

A psicanálise coloca-se exatamente como contraponto a esse discurso uma vez que, enquanto o discurso do capitalista prega o ter, a psicanálise trabalha com a falta-a-ter na vertente do desejo, um desejo que está dentro da ética do inconsciente, do impossível de tudo possuir, pois o sujeito da psicanálise é o sujeito do inconsciente, sujeito do desejo, da falta.

Enquanto o discurso do capitalista está na vertente do diagnosticar e tratar para que tudo retome seu fluxo de consumo, do “todos iguais”, a psicanálise trabalha com a ética da diferença e do sintoma como manifestação do sujeito.

Nesse sentido, o discurso do analista marca seu lugar enquanto exceção à lógica do discurso do capitalista, no sentido de, cuidadosamente, ocupar seu lugar com o vazio, vazio de palavras, não oferecendo soluções enquanto objetos a serem consumidos pelo consumidor. Há que se ter cuidado para que, operando na vertente do discurso do analista num cenário onde vigora o discurso do capitalista, não se ofereça a si mesmo como [a]bjeto

de consumo. Sendo objeto, só poderá sê-lo em sua vertente de causador do desejo do sujeito.

Deste modo enquanto o discurso do capitalista convoca para a coletivização, para a massificação do todos iguais pelas leis do mercado, a psicanálise trabalha na vertente do inconsciente, do um a um, do caso único.

4. A INDÚSTRIA E O DISCURSO DO MESTRE

“-Eu tinha um filho (...) escolheu morrer porque eu não lhe deixara outro modo de viver. Tinha uma mulher, e, porque lhe dei tudo, morreu viva. E há muitos que queimamos e expiraram agradecendo-nos. Não é a felicidade que eles querem: é somente viver.”
(BEAUVOIR, 1946, pág. 204)



Esse capítulo é a tentativa de compreender alguns dos laços sociais estabelecidos no ambiente da indústria, tomando como base a disposição das letras no matema do discurso do mestre.

4.1. A formalização do discurso.

O discurso do mestre é pensado por Lacan a partir da relação entre o senhor e o escravo antigo, onde o último detinha um saber sobre o trabalho. Trabalho esse que visava ao gozo do senhor que, por sua vez detinha o poder absoluto, mas não sabia produzir para sua satisfação, dependendo por isso do saber do escravo.

Pela lógica de funcionamento do discurso do mestre, o significante unário S1 (herdeiro do senhor), ocupando o lugar de agente, ordena, manda que o outro significante,

o significante do saber fazer, S2 (escravo antigo) faça para que ele possa gozar do produto desse trabalho.

Portanto, o saber (S2) presente no discurso do mestre, refere-se ao saber do escravo sobre o gozo do senhor. O senhor nada sabe sobre o trabalho de cujo fruto ele goza, quem o sabe é o escravo que tudo sabe sobre o gozo do senhor, porém, nada sabe sobre seu próprio gozo, pois, pela lógica do discurso do mestre, o saber está do lado do escravo, S2, enquanto o senhor, que nada sabe, é regido pelo sujeito barrado, sujeito de falta, revelado pela lógica do discurso do mestre em que a verdade recalçada que mobiliza o S1 é o sujeito do inconsciente.

Portanto, por mais que o discurso do mestre seja, por excelência, o discurso da ordem, da ordenação, o senhor, S1, é regido pela falta, pela impotência. Impotência de tudo ordenar, de tudo governar.

Ao senhor não interessa como vai ser feito, o que interessa é que seja feito. O que interessa ao senhor é poder gozar do trabalho do escravo.

O discurso do mestre é também considerado como o discurso que diz do funcionamento do inconsciente, isso porque, tal como o mestre, o inconsciente não se interessa pelo como e sim que suas vontades sejam satisfeitas, custe o que custar, surgindo como sujeito nos intervalos entre S1 e S2. Ou, em outras palavras, um significante representa o sujeito para um outro significante.

Nessa tentativa de governar todo o real sem obter sucesso - uma vez que algo sempre escapa - o discurso do mestre apontará os limites entre o simbólico e o real que é o que estabelece a condição de humanidade da linguagem, ou seja, para se inserir na humanidade, o sujeito precisa abrir mão de sua tentativa de dominar o outro, substituindo esse desejo pela linguagem.

Podemos pensar que essa tentativa de organizar e ordenar, de pôr lei no todo que caracteriza o discurso do mestre, coloca-se num sentido contrário ao que é caótico.

Todo discurso traz em sua lógica de funcionamento uma repetição, diretamente ligada a um impossível que o modo discursivo revela. No caso do discurso do mestre essa repetição revela-se exatamente nessa tentativa de retomar um controle para sempre perdido, de governar totalmente o real, de governar o Outro.

Quanto ao Outro, retomo o texto “Três pontos de ancoragem” de Marie-Hélène Brousse (2007, pág. 25), onde a autora afirma que:

(...) o Outro é, enquanto matéria significante, um real traumático, mas ele não é o parceiro que o sujeito se dedica a se propiciar através de seu fantasma. Ele não é uma garantia, ele não é uma lei, nem mesmo uma referencia ou um ideal para o eu. Ele simplesmente não é. Ele não existe. Ou pelo menos ele só existe como ficção, isto é, semblante afetado de crença ou de certeza, segundo a estrutura considerada. Ele é relativo à estrutura definida pelo funcionamento da linguagem em um discurso.

A barra que marca a separação entre o lugar do outro e o da verdade revela em cada discurso a verdade que aquele discurso tenta não ver. No caso do discurso do mestre, essa barra revela a negação da divisão subjetiva do senhor que, enquanto ser de falta, incompleto, nada quer saber sobre essa divisão e nada sabe sobre seus modos de gozo, metaforizados no resultado do trabalho do escravo para seu gozo. Por isso, há sempre a tentativa do senhor em instaurar normas totalizantes que coloquem ordem completa para que as coisas funcionem de acordo com os seus projetos.

Podemos pensar que a ilusão na qual o senhor, o significante unário, quer acreditar é a ilusão do indivíduo. Ilusão desbancada pelo próprio significante unário, S1 por ser esse que irá determinar essa diferença, visto que o sujeito é atravessado pelo significante do sem sentido, o significante da não equivalência sexual, para o qual não há um significado. Ele traz, sempre algo de falho, algo de uma divisão entre o significado e o significante. O significante unário é, então, aquilo que toca o sujeito nessa sua divisão, que toca o sem sentido. Já o indivíduo pode ser de maneira ilusória, todo significado, sendo, portanto indivisível.

Assim, o senhor vive a ilusão de poder tudo ordenar e de barrar o surgimento do sujeito entre os significantes.

Lacan, nos Escritos (1998a, pág. 825) aponta a ilusão de Hegel e Marx no que diz respeito ao gozo do senhor. Se para Hegel e Marx o gozo está do lado do senhor, o matema do discurso do mestre revela que o gozo está do lado do escravo e é esse gozo que o mantém preso ao senhor. A produção no discurso do mestre indica que, o que mobiliza a ação do escravo é o seu próprio gozo, ou, de maneira mais precisa, o seu mais-de-gozar que mantém o seu trabalho servil. O escravo é mobilizado pelo seu saber sobre como produzir,

mas, o que mantém esse trabalho ele nada pode saber. O gozo do qual ele sabe é apenas o do senhor. Nesse modo discursivo, pela disposição das letras, o que o escravo produz é a manutenção de sua própria posição servil.

4.2. Pensar o discurso do mestre na indústria atual.

Se no mundo antigo o discurso do mestre era o que permitia uma compreensão dos laços sociais existentes nas relações de trabalho, hoje, devido às conquistas sociais ocorridas na história da humanidade, tende a não mais sê-lo. O que significa dizer que na atualidade, os laços sociais estabelecidos no ambiente de trabalho não são laços que cristalizam as posições características do modo discursivo do discurso do mestre, como o que prevalecia nas relações subjetivas.

Essas conquistas, no entanto, não significam que o discurso do mestre jamais se apresente nesse espaço, especialmente de dois modos:

O primeiro modo se refere aos casos em que um dono de indústria, ou de terras alicia indivíduos, normalmente em regiões de elevado índice de desemprego e pobreza, oferecendo-lhes condições de trabalho que, na verdade, escondem um trabalho escravo. Ali eles não serão mais que objetos que produzirão para o usufruto desses senhores totalitários do século XXI.

Como exemplo, cito o caso das mulheres aliciadas em regiões pobres do Brasil e levadas para a Europa onde se vêem escravizadas pela indústria do sexo e o caso dos bolivianos (MOVIMENTO NN, 2007) que são aliciados por *coiotes*, principalmente nas regiões de Potosí, El Alto e La Paz, onde as taxas de desemprego e pobreza são muito elevadas. Transportados para São Paulo e para a Argentina com a promessa de trabalho e bons salários, são aprisionados, tendo seus documentos retidos pelo patrão e sendo proibidos de saírem às ruas sob a ameaça de serem capturados, presos e deportados pela Polícia Federal. Nessas fábricas, são obrigados a trabalhar de 16 a 20 horas diárias em condições subumanas para pagar o que devem ao patrão: viagem, alimentação, moradia.

Desse modo, o que recebem pelas peças produzidas nunca é suficiente para saldar uma dívida que não pára de crescer.

Nesses casos, a lei que organiza o laço social é a lei do gozo do senhor. Em relações assim estabelecidas, compete não ao analista intervir, uma vez que há uma total negação da Lei da Castração. São casos onde a única intervenção possível é a do ato policial real.

A outra possibilidade de encontrarmos na indústria uma disposição das letras tal como a que se configura, momentaneamente, no discurso do mestre são os vários momentos onde o funcionário se perde na cena do Outro (corporificado imaginariamente pelo gerente, patrão).

Nessa lógica, o S1 mobiliza o funcionário, provocando seu movimento errante em torno de uma demanda de gozo, o que acaba por causar-lhe angústias, sem que esse se dê conta da impossibilidade de significar tais demandas. Como atender plenamente algo da ordem da impossibilidade?

Nas relações discursivas da indústria com o funcionário, podemos tomar o S1 como, por exemplo, a exigência do aumento da produção, do cumprimento de metas, da política e das normas da empresa.

Nesse movimento de demanda dirigida ao S2 (saber fazer para atender à indústria), o funcionário se perde. Aliena-se do saber sobre seus modos de gozo, numa dinâmica que favorece o nada querer saber sobre seu próprio desejo. Nesse panorama, é preciso produzir muito, aperfeiçoar-se muito, trabalhar muito, para tentar (imaginariamente) satisfazer plenamente o gozo do Outro. Desse modo, “nunca tenho tempo para mim, para minha família, para o lazer”. Essas são queixas recorrentes no ambiente de trabalho.

O funcionário está sempre tentando dar o que não tem. Afinal, não se pode oferecer ao Outro o todo, pois sempre há uma sobra que provoca incessantemente o desejo, visto que o Outro também é barrado.

Esses, porém, são casos isolados, não configurando um modo discursivo da indústria como todo. São momentos de tentativa de ordenação, não havendo portanto cristalização nesse modo discursivo, ou são posturas isoladas de poucos gerentes.

O recorte abaixo exemplifica esses momentos:

Chego um dia em uma indústria e sou procurado por um supervisor de equipe de produção com a seguinte questão: um dos funcionários de “melhor desempenho” da sua área, que exatamente por esse fato está à frente do equipamento, envolveu-se em uma briga física com um funcionário de outra equipe, igualmente de destaque que está igualmente à frente do equipamento do seu turno. Segundo o supervisor, a briga era fruto de desentendimentos sucessivos devido ao empenho de um em superar o outro em volume produzido, uma vez que os dois eram os que tinham os maiores índices de produção da área. Nessa lógica, um acaba sendo sempre o “concorrente” único do outro, rumo ao destaque no quadro de produção. Com esse intuito, um sabotava o turno de trabalho do outro, deixando a área suja, não fazendo pedido de reposição de peças danificadas durante o turno, pedindo, por escrito, explicações dos procedimentos tomados. Como consequência dessa desavença, o supervisor chama os dois e dá-lhes um aviso (uma ameaça) – e que isso não se repita – afinal é preciso que tudo esteja em perfeito funcionamento, para que se produza o máximo possível para o lucro da indústria, sem que a ordem seja perturbada. O supervisor, por sua vez, teve que dar explicações do acontecido ao gerente da área.

De sua posição, o significativo mestre governa, legífera, decreta, manda trabalhar os outros, os escravos, os funcionários, os S2. Mesmo que uma ordem imperativa não seja dada, pode ocorrer de o funcionário ocupar o lugar de escravo – como revela o exemplo acima – convocando o Outro ao lugar de S1. Com isso, evita o confronto com o outro real, enquanto parceiro amoroso, enquanto colega de trabalho, trabalho esse que possa lhe trazer frutos para deles gozar, trabalho, enfim, que dê conta do todo da linguagem. Tarefa impossível que nenhum escravo, nenhum funcionário conseguirá desempenhar. Há sempre algo que escapa ao controle, que não está de acordo com as normas, que se apresenta como

“não conforme”. Os acidentes ou quase acidentes de trabalho sempre ocorrem. Como isso é impossível, a tarefa de governar tende a tornar-se cansativa.

Essa tentativa de tudo governar não é satisfatória, uma vez que sempre sobra algo de “ingovernável” do real, e, se cada discurso traz algo do impossível, no caso do discurso do mestre essa impossibilidade se refere ao ingovernável do real.

4.3. A tentativa de poder, ordenação e o resto.

Nesse ponto, dois modos discursivos estão aqui em jogo: o discurso do mestre e o discurso universitário, dialetizando as posições. No discurso do mestre clássico, no qual há uma relação de senhorio/escravidão, embora raro, se apresenta como uma espécie de modelo – ideal mas ameaçador – que poderia ser [mal]utilizado por gerentes com pretensões hegemônicas e/ou ditatoriais.

Nessa espécie de ideal, o modo do discurso do mestre (sempre a evitar), a indústria, não querendo ocupar-se muito de seu fazer, atribui ao escravo, ao funcionário, essa tarefa de produzir, através de atribuições bem definidas. Isso acaba por fazer surgir do lado do escravo, do funcionário, um saber. Porém, como dito antes, o que interessa ao senhor, à indústria, mais do que esse saber, é o exercício do poder, do comando, do controle sobre as coisas, uma vez que tudo deve funcionar a seu gosto.

Ao exercer sua voz de comando, ao dar a ordem, todos deveriam, a partir do saber adquirido, produzir para a indústria.

Não se trata aqui de um saber inconsciente, mas sim de um saber-fazer que o escravo, o funcionário acaba por adquirir com seu trabalho, numa inversão da dinâmica sobre o saber sobre o trabalho. Seu saber passa a ser um saber para o gozo da indústria.

Nessa lógica discursiva, o gozo vem sempre do outro lugar, já que é daí que se produz para o mestre, para a indústria. É o escravo, o funcionário que produz os meios de gozo.

Porém nem tudo que é produzido serve ao gozo da indústria e nem tudo que a indústria demanda poderá ser produzido, sempre resta algo de real que não pode ser todo governado.

Sendo assim sempre se adquire um saber com limites.

Nesse discurso ideal, um tanto presente no imaginário, a gerência, utilizando-se da fala, exerce o poder para agir sobre o outro, o que acaba por definir um encadeamento significativo, que necessariamente, causa uma perda, aqui denominada de objeto *a*, impalpável, irrealizável, impossível, mas sempre se insinuando na cadeia significativa, na fala, na relação de S1 com S2. Em outras palavras, quando o significante mestre se dirige ao funcionário para que ele produza para seu gozo, o que verdadeiramente se produz nessa cadeia de significantes é algo de irrealizável, algo dessa perda de gozo da qual o funcionário abriu mão tentando atender plenamente ao Outro e que jamais conseguirá, visto que o Outro também é barrado e como tal, sempre deseja algo.

Dessas demandas do S1 dirigidas ao S2 para que esse produza, sobra esse objeto *a* que estará, nesse caso, ocupando o lugar de produção e se localizará do lado do outro significante marcado pela barra do S2, como sendo aquilo que é oferecido à indústria, mas, nesse caso, algo da ordem do “dar o que não se tem”.

Nesse sentido, o objeto *a*, ocupando o lugar de produção, de mais-de-gozar, revela-se como aquilo que o funcionário se recusaria a abrir mão em sua relação com a indústria.

Em outras palavras, no discurso do mestre, quando o S1, se dirige ao saber (sobre o gozo do Outro), algo sobra, algo cai e o que cai, o que se produz nesse movimento é o objeto *a*, um objeto mais de gozar do Outro e, por mais que se insista em falar, em explicar, algo do gozo sempre escapa à palavra.

No caso da indústria, na qual o discurso do mestre encontra-se como um ideal sempre presente no horizonte imaginário do poder, esse outro é o funcionário, e, entre a ordem da indústria e o funcionário, algo sempre sobra. Isso que sobra é o objeto de gozo do Outro.

Nesse panorama, o que a indústria tenta fazer uso é de seu poder, uma vez que aquilo do plus de gozo que o funcionário acaba por produzir não lhe é útil e o produto concreto será para uso do consumidor final.

Nessa relação discursiva o que se produz como verdade é um sujeito barrado, dividido. O lugar da verdade revela o recalçamento do desejo do próprio sujeito e a negação da castração da indústria enquanto Outro.

Nesse discurso o sujeito aparece como verdade. O que significa que o sujeito, nesse discurso, é um sujeito dividido pelos significantes vindos do Outro, um sujeito que nada sabe sobre seu desejo, uma vez que fica refém do gozo do Outro, refém de uma tentativa de produzir para atender à demanda da indústria, que nunca se mostrará satisfeita, uma vez que sempre exigirá mais. O funcionário é sempre dividido, estará sempre faltoso com a indústria, nunca terá passado por todos os treinamentos, nunca terá produzido o suficiente, etc. E esse sujeito enquanto barrado só terá lugar enquanto recalque, uma vez que não há, nessa lógica, espaço para sua existência, em seu lugar tenta-se colocar o indivisível indivíduo.

4.4. O pai.

Mas, o que mantém o funcionário preso ao gozo da indústria, representado pelo chefe, o gerente, o supervisor?

Talvez a resposta possa ser encontrada na negação da castração efetuada pelo neurótico. O neurótico não acredita na impossibilidade da relação sexual, e, nega a castração. E, imaginariamente, credita ao pai um saber sobre a relação sexual, por efeito de transferência, o gerente, ocupando o lugar de pai, detém o saber que o funcionário busca. Tal movimento acaba por prender o funcionário ao gozo da indústria, num movimento de repetição, que como nos lembra Silvia Wainsztein (2001, pág. 28):

(...) trata-se (em Freud) de reviver a experiência de gozo, a primeira experiência de gozo. Experiência essa que, na medida em que se inscreve no aparelho psíquico, deixa uma marca. Como é impossível repetir ou reproduzir esta primeira vez, a impossibilidade conduz ao circuito da repetição. O que este circuito inscreve é a repetição de uma perda, o que Lacan denomina de mais gozar.

Como no discurso do mestre o lugar de agente é ocupado pelo significante unário, o S1, podemos afirmar que o discurso do mestre é uma tentativa de dominar esse significante unário; é uma tentativa de dominar os efeitos do significante. O S1 é, no discurso do mestre, o representante da Lei, do pai.

Há, no discurso do mestre, a tentativa de dominar a lei, o que nos leva a pensar em uma tentativa de dominar a Lei da castração. O que interessa à indústria é que as coisas funcionem e funcionem bem. Não importa como, de que modo, importa que funcionem. O preço não interessa.

E, se o funcionário é o que detém o saber no discurso do mestre, o ideal seria esse funcionário ser sempre convocado a produzir para o chefe, o gerente, enquanto representantes da lei.

O pai real é o agente do pai enquanto significante, portanto do pai morto, do pai gozador de Totem e tabu. Isto se explica pelo fato de que sem o significante não há ato e sem ato não há significante. Dito de outro modo, sem a introjeção do pai morto, o neurótico não colocaria o pai real como seu representante, nem o funcionário colocaria o gerente, o chefe ou o supervisor nesse mesmo lugar.

Esse pai enquanto invenção do neurótico o é para ser depositário dos sintomas do histérico, do neurótico. No caso dos funcionários, esses sintomas se revelariam nas insatisfações/orgulhos em relação à indústria, acidentes, descuidos, desentendimentos, apatias, etc.

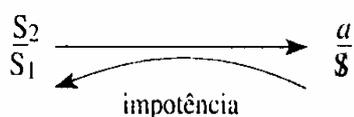
O chefe, o gerente enquanto representante desse pai morto tenta governar de forma total, porém isso só seria possível caso não fosse ele também produto da linguagem, portanto, castrado.

O chefe não é chefe dos significantes. Por outro lado, só se é chefe graças aos significantes.

5. O DISCURSO UNIVERSITÁRIO.

“Arbeit macht frei”⁸

Discurso da Universidade



Esse cenário um tanto fantasmático do discurso do mestre, com a Revolução Industrial, tendeu a transformar-se em discurso universitário, numa inflexão provada pela Revolução Industrial, só possível graças ao avanço da ciência. Esse avanço se fez sentir nos modos discursivos que se estabelecem no âmbito da indústria.

Para compreendermos os laços sociais que se estabelecem no âmbito do trabalho na atualidade, precisamos pensá-los a partir não do discurso do mestre antigo e sim do discurso do mestre moderno, a saber, o discurso universitário, visto que, como dito no capítulo anterior, pelos avanços da ciência, das conquistas dos direitos dos trabalhadores e pela a modificação nas relações de trabalho, uma indústria que baseie seus modos de relação com os funcionários (outro), nos modos do discurso do mestre antigo, tomando o funcionário como escravo, é um caso de polícia (embora aspirações totalitárias do discurso do mestre se encontrem sempre presentes como ideal em certas gerências).

⁸ “O trabalho liberta”. Frase que Rudolf Hoss mandou colocar no portão de entrada do campo de extermínio de Auschwitz, onde aproximadamente 1,1 milhão de pessoas perderam a vida.

5.1. Transição do discurso do mestre antigo ao discurso do mestre moderno (universitário).

No seminário XVII, Lacan (1992a) deduz do discurso do mestre, o discurso universitário, afirmando ser esse o discurso do mestre moderno. E em certo sentido, o discurso universitário atende a um anseio daquele que o antecede, pois o discurso universitário consegue, graças ao desenvolvimento das técnicas científicas, organizar, normatizar e estabelecer padrões que devem ser seguidos por todos, com a finalidade de atingir objetivos previamente estabelecidos, numa tentativa de deixar tudo sob controle.

Para formalizar o discurso universitário, Lacan produz um quarto de giro nas posições discursivas do discurso do mestre antigo.

Em um dado momento do texto, Lacan (1992a, pág 29) chega a afirmar que: “o que se opera entre o discurso do senhor antigo e o do senhor moderno, que se chama capitalista, é uma modificação de saber”. Chamando assim o discurso do senhor moderno, o discurso universitário, de discurso capitalista. É somente em Milão (1972) que irá precisar tal afirmação.

O discurso universitário é, portanto, o discurso do mestre moderno. A ciência, ao se apropriar do saber fazer do escravo, substitui o senhor pelo saber universal, onde a ordem passa a ser a do conhecimento científico.

As questões da atualidade giram em torno do saber que autoriza a atuação no discurso universitário e sobre sua especificidade.

Nesse modo discursivo, é o saber que, na posição de agente, indica a lógica que impera nas relações entre o sujeito e o outro.

Já o escravo é substituído pelo funcionário, pelo aluno ou *a*-estudante pelas massas em busca de formação, de tecnologia.

No discurso universitário, no lugar da produção temos o sujeito, \$, porém separado do objeto *a*, impotente em atingir a verdade.

O \$, enquanto produção está separado do objeto de gozo e tal separação distancia o \$ de uma produção sobre esse gozo que é seu, mantendo-o aprisionado ao Outro.

O S1, enquanto significante mestre, está oculto para o sujeito, uma vez que os significantes que vêm do Outro estão recalcados e entre a produção e a verdade, há uma impotência, como denuncia o matema.

5.2. O saber e a educação no discurso universitário.

O discurso universitário, por tomar o outro, o funcionário, como objeto, acaba por produzir o sujeito sempre carente de ser treinado, ensinado, preparado, especializado repleto de sintomas em busca de alguém que o ensine, seja através das normas no trabalho ou a postura adequada que deve adotar frente a um outro.

Tal posição frente ao outro se deve ao fato de que no discurso universitário, o saber, que antes se encontrava do lado do escravo indicando um saber sobre o gozo do senhor, no discurso universitário passa a ocupar o lugar de agente, revelando que o saber fazer do escravo foi apropriado pela ciência, desalojando o escravo de uma posição de saber sobre o trabalho, tornando-o proletário ou funcionário da indústria.

O lugar de outro nesse modo discursivo passa a ser ocupado por um objeto caído, gozado, revelando que o outro do discurso universitário é um outro que goza de uma posição de nada querer saber sobre sua divisão subjetiva, sobre a impossibilidade da relação sexual, pois esse outro é mobilizado aqui pelo \$, assujeitado pelo saber do Outro. Se no discurso do mestre o escravo sabia algo, no discurso universitário ele, tornado proletário, perde todo saber. Para ter acesso a algum saber ele precisa contar com a benevolência do agente, que lhe transmite um saber totalizante, coordenado e organizado, na expectativa de que tudo funcione bem.

O que mantém o funcionário nessa posição diante do outro é o seu nada querer saber sobre seus modos de gozo que sustentam sua posição diante do Outro. Nesse sentido, ele faz-de-conta que pode atingir o pleno sucesso profissional apregoado pelo saber. Saber do S2, faz-de-conta de que pode vir a conhecer sobre os caminhos que o levarão à promoção profissional e que as normas estipuladas por esse saber (S2) poderão ser um dia plenamente atendidas, todas elas - sem exceção.

Nesse modo discursivo a barra que marca a separação entre o lugar do agente e o lugar da verdade revela que os saberes tomados como universais e que trarão os resultados esperados pela indústria, com os programas a serem instalados, as certificações, as normas e os procedimentos; na realidade, são saberes de seus inventores. Portanto são saberes do S1, nada dizendo sobre o saber do sujeito, \$. Mesmo porque não há espaço para o saber sobre o inconsciente num cenário que busca um saber coletivisante e universal, que possa a todos educar. Tal discurso, portanto, opõe-se ao saber do inconsciente.

Não importa a que preço, é necessário sempre obedecer a esse saber, mesmo que isso implique num desgaste maior, mesmo que a proposta de treinamento e o cumprimento dos protocolos, tragam mais sofrimento ao funcionário. O que interessa é o cumprimento adequado do plano de ação, das normas, não só as que a indústria estipulou, como também aquelas às quais a própria indústria encontra-se submetida, como as ISO (International Organization for Standardization), Qualidade Total e os 5S⁹ da vida.

O que importa na lógica do discurso universitário não é a verdade do sujeito e sim a verdade do tudo saber sobre o todo, S1. Tudo o que se encontra sob o domínio desse saber, é considerado um [a]bjeto: teorias, funcionários, alunos, dados, etc.

E se, de modo geral, o sujeito que responde à convocação dessa ciência no mundo é um sujeito crente, que crê na existência de um Deus que tudo pode e tudo sabe, no caso da aplicação do discurso universitário na indústria, encontramos esse mesmo sujeito crente nos padrões, nos modelos, nos protocolos e nos gurus que utilizam dos mais variados ensinamentos, arrebanhando uma legião de fiéis, tal qual os pastores.

Basta ver a comunidade de fiéis que se formaram em torno de “livros sagrados” que se propõem a ensinar tudo sobre como lidar com a presença real do outro nesse espaço instituído pela indústria, tais como, por exemplo, “Quem mexeu no meu queijo” (JOHNSON, 2001), e “O monge e o executivo” (HUNTER, 2004), entre tantos outros.

Como a ciência não leva em consideração em seu saber o sujeito dividido, esse é continuamente excluído por ela, o que acaba por provocar a falência desse saber que, mais cedo ou mais tarde, sempre se mostra ineficaz, dando margem ao surgimento de novos

⁹ (Sensos de: Utilização, Ordenação, Limpeza, Saúde e Autodisciplina) Programa de gestão criado no Japão com o objetivo de liberar áreas, evitar desperdícios, melhorar relacionamentos, facilitar as atividades e localização de recursos disponíveis.

saberes e novos gurus que novamente serão seguidos pela mesma legião dos que não querem nada saber sobre o próprio gozo, acreditando que, desta vez, tudo estará sob controle, tudo funcionará.

Para a ciência, o mestre é o saber e nada pode detê-lo; o que não está sob seu poder, não existe, fazendo, portanto, parte do ocultismo, da magia e do misticismo.

A lógica do discurso universitário é a lógica da educação: alguém ensina a um outro que aprende. Esse que ensina imagina-se detendo um saber absoluto sobre aquilo que é ensinado.

Essa lógica guarda o impossível de educar todo o real como nos diz o texto freudiano acima citado: “quase parece como se a análise fosse a terceira daquelas profissões ‘impossíveis’ quanto às quais de antemão se pode estar seguro de chegar a resultados insatisfatórios. As outras duas, conhecidas há muito mais tempo, são a educação e o governo”(FREUD, 1974b), portanto, é impossível educar o sujeito em sua relação com o Outro.

Nesse movimento de tentativa de tudo educar, o funcionário torna-se alienado da construção de sua própria história, de sua própria produção subjetiva. Afinal, tudo da relação entre o sujeito e o Outro será, imaginariamente, ensinado.

Nessa lógica nega-se o campo simbólico, uma vez que quando se pretende ensinar tudo sobre um real absoluto, nada pode sobrar, escapar. Nada pode furar esse real absoluto. Não há o impossível, o inconsciente.

Porém, quando todas as tentativas da indústria de tudo ensinar não funcionam - e mais cedo ou mais tarde o furo se apresenta, o impossível do discurso sempre aparece - solicita-se uma nova resposta, um novo conhecimento na tentativa de barrar o real, barrar o desejo. A indústria então, pede para que lhe seja ensinado como governar, e pede que se ensine o funcionário a não demandar: igualdade de tratamento, melhores horários de trabalho, melhor plano de saúde, melhores condições de trabalho, etc. Assim a indústria demanda um saber que lhe permita ordenar as coisas para poder alcançar seus objetivos.

Essa lógica de tentar ensinar e de limitar o gozo do outro aprisiona, cristaliza o funcionário enquanto objeto do gozo do Outro, não lhe permitindo percorrer os caminhos de sua subjetivação.

Esse é o momento onde se abre espaço para um outro saber, um saber de ciência, testado, comprovado e aprovado. É o momento onde se abre o caminho das demandas da indústria por consultorias, treinamentos, palestras, cursos, novas propostas. Com isso busca-se mais conhecimento, informações; com isso tenta-se ensinar de um modo diferente, tenta-se um novo método, uma nova técnica, na tentativa de poder tudo ensinar.

Esse é o momento em que entram em cena os saberes da engenharia, da administração e, em último caso, da psicologia.

5.3. O discurso universitário, a engenharia, a administração e a psicologia..

Como entender o lugar da engenharia, da psicologia e da administração no espaço da indústria?

Como sempre, a impossibilidade de tudo ensinar se apresenta, visto que o que é produzido no discurso universitário é o \$, sujeito dividido, faltoso, furo e incompletude. Para tentar ensinar o modo como as coisas devem funcionar - tentando desse modo educar o que, de inconsciente no funcionário abre hiatos no bom funcionamento – a indústria lança mão de saberes cientificamente testados. Lançando mão, portanto, do que foi comprovadamente experimentado e que resultou em uma melhoria no desempenho, sendo padronizado, passando, a partir de então, a ser transmitido via treinamentos, cursos, palestras e programas de instalação.

Que saberes são esses senão os saberes das engenharias, da administração e, quando tudo falha, da psicologia?

O processo se dá mais ou menos da seguinte maneira: a engenharia estuda os processos, calcula, mede, programa desenvolve e padroniza como tudo deve ser feito para que se cheguem aos mesmos e melhores resultados, já obtidos.

A administração escolhe, implanta e fiscaliza o cumprimento das normas e do que foi padronizado, fiscalizando seu cumprimento e apontando as falhas dos funcionários.

Mesmo assim, obviamente, algo escapará a essa tentativa de tudo educar, visto que a impossibilidade apontada por tal modo discursivo é exatamente a de tudo educar. Nesse

momento, lança-se mão de outra ciência, testada e aprovada, para tentar educar esse algo que escapou à tentativa de tudo ensinar para que as metas estipuladas sejam atingidas.

Esse algo que escapa, por não ser, nesse momento, do nível do conhecimento racional e das normas localiza-se no nível do comportamental e a ciência que detém o saber sobre o comportamento não é outra senão a psicologia. Convoca-se então o saber da psicologia para que este entre em cena e eduque o funcionário para que ele não permita que seus problemas não relacionados ao estrito funcionamento empresarial interfiram em seu trabalho, tais como os problemas de relacionamento interpessoal, falta de motivação, esquecimentos e problemas em equipe.

O exemplo a seguir demonstra esse aspecto:

Sou convidado, via telefone, para falar a um grupo de funcionários de uma indústria siderúrgica sobre segurança no trabalho.

Pessoalmente, o gerente me informa que gostaria que os funcionários, sob seu saber de gerente, mudassem seus comportamentos em relação à segurança no trabalho. Diz que eles já foram treinados pelos técnicos em segurança do trabalho, já passaram por treinamentos de normas, padrões (engenharia) e já assistiram a vídeos e a palestras sobre os benefícios pessoais e para a empresa quando não ocorrem acidentes (administradores). Já foram informados pelo departamento jurídico sobre a possibilidade de demissão por justa causa em caso de estarem na área de trabalho sem os EPIs (Equipamentos de Proteção Individual), mas nada disso fez com que os acidentes na área diminuíssem.

Tentando ser claro, o gerente cita o caso mais recente: um antigo funcionário, que tendo passado por todos os treinamentos de segurança para executar os mesmos procedimentos que realizava há muitos anos, um dia, mais uma vez, assina o check list de EPIs, o que significa que estava portando todos os equipamentos necessários à sua segurança para entrar na área de trabalho, que é de

alto risco. Porém, o que se vê é uma seqüência de esquecimentos. Embora tenha assinado o check list, não portava os óculos de proteção, embora houvesse passado por vários treinamentos que lhe ensinaram e reciclaram sobre o modo como deveria manusear os produtos na área. Para ele a norma era clara, mas ele se “descuida”, deixa cair um galão com ácido e queima os olhos.

O gerente afirma que, depois de pensar muito sobre o caso, chegou à conclusão (saber) de que o que eles precisam é ser educados no que se refere a comportamento. Pois a meta é não ter nenhum acidente [de trabalho] nas estatísticas.

Porém o que se nega é que nem tudo pode ser educado, nem tudo pode ser controlado, visto que o sujeito é mobilizado por sua divisão, por sua pulsão, e o que se espera na indústria, no discurso universitário, é que não surja o sujeito. Após ser educado, orientado, alertado, demonstrado, o indivíduo deve conseguir controlar seus impulsos, seguindo completamente os planejamentos, não deixando que nada [inconsciente] interfira na rotina.

Por essa lógica de funcionamento podemos compreender o trabalho intelectual do gerente na tentativa de encontrar um modo de barrar o surgimento do \$ no real. Afinal, pela lógica de funcionamento do discurso universitário – tão em voga nas indústrias – um programa adequado pode solucionar um problema específico.

Numa lógica tão educativa, onde o S2 ocupa o lugar de agente, é fácil compreender que funcionários possam ser recrutados e selecionados a partir de testes de avaliação psicológica. Que depois de selecionados passem por treinamentos que, acredita-se, lhes ensinaram tudo sobre o funcionamento das coisas; que entendam o programa de cargos e salários da empresa, que se enquadrem no organograma e gerenciem sua carreira através do portal da empresa, que se sintam motivados após participarem de longos programas de capacitação, que se empenhem para serem bem avaliados no programa de avaliação de desempenho escolhido pela empresa. E que, por tudo isso, se mostrem pro-ativos, motivados, dinâmicos, satisfeitos e felizes. Afinal, numa empresa tão bem organizada, que se preocupa tanto com a capacitação de seus funcionários e implanta um bom plano de

saúde e de carreira, o que mais pode existir que atrapalhe o perfeito funcionamento das coisas?

Obviamente a resposta é o sujeito, que por definição fura a cadeia lógica. E é por sabê-lo que intervenho tentando provocar uma questão, um trabalho onde há uma certeza. No caso do angustiado gerente acima pontuo que se não há dúvida da parte dele, não há o que fazer, a não ser que eduque seus funcionários. Porém, aponto o seu ponto de vacilo: se não há dúvida como pode haver acidentes? Afinal, não existiram outras certezas antes dessa e que se mostraram insuficientes? Tento provocar seu trabalho subjetivo: “será que há como barrar o acidental?, Há como controlar tudo?”

É nesse sentido que convido também os funcionários a se colocarem a trabalhar tentando uma implicação com o choque que o acidente de um lhes causou, intervindo em suas falas, buscando com isso que se dêem conta, mesmo que minimamente, da pulsão envolvida no nada querer saber sobre seus desejos, no aprisionamento em que se encontram em relação ao desejo do Outro. Isso contraria a lógica calcada no aumentar a produção, estar cada vez mais preparados sobre algo que eles nem sabem o que será. Afinal o saber fazer não mais lhes pertence.

O saber universitário nada quer saber sobre o que escapa ao saber totalizante. É por querer acreditar nisso que o gerente do exemplo acima se mostra tão perplexo com o [a]cidente de um funcionário tão antigo, tão treinado e tão bem educado pelo saber organizado. Nessa lógica, nada pode existir que não esteja sob a égide de um saber. Que um funcionário, movido por um gozo mortífero, queime os olhos para nada querer enxergar sobre a lógica que o mantém preso a uma situação na qual não encontra mais satisfação é algo inominável, intratável, não previsto e, portanto, da ordem do místico, do mágico e do incompreensível.

Nesse sentido, a ilusão que a indústria constrói é a de que é possível barrar o hiato inconsciente em seu seio - \$. Porém, algo desse sujeito sempre aparece, ou pelo menos se insinua, visto ser exatamente esse o modo de uma presença do inconsciente enquanto pulsação, fenda, “por onde algo de não-sabido – de inconsciente – se abre e se fecha assim que é apreendido pela consciência. Na medida em que o sujeito é nada de substancial, a eclipse que se manifesta num equívoco (bévue, Unbewusste)” (KAUFMANN, 1996, pág

502), se a sua insistência não encontra espaço na lógica discursiva do simbólico, ele pode surgir no real como ato: a provocação da própria cegueira.

Em oposição a essa lógica do tudo ensinável, a psicanálise aponta para a necessidade de se dar existência ao sujeito do inconsciente e de se conhecer sobre seus modos de gozo.

O que a psicanálise oferece não é o saber que um gerente específico – significante – vem buscar, o discurso do analista é o único onde não há significante que domine a lógica de seu funcionamento. A psicanálise aponta em direção ao saber do próprio funcionário sobre o seu inconsciente ou, no mínimo, a um primeiro discernimento de sua posição no real, visando mesmo que minimamente, dar a oportunidade de movimento de uma cadeia significante rigidamente concatenada.

Nem o funcionário nem a indústria, ao procurarem respostas, estão, ao menos inicialmente, dispostos a descobrir sobre os seus modos de gozo. O que buscam é um saber que dê conta do todo, que tudo possa controlar. E embora o real encontre formas variadas para se evidenciar, isso não significa que o funcionário esteja disposto a encarar a lei do desejo e as implicações da castração.

O conhecimento buscado pela indústria, e em muitos casos pelos funcionários, é o que a psicologia oferece, não o que a psicanálise pode oferecer, uma vez que o que baliza o discurso psicanalítico é que este se dá numa relação dialética entre sujeitos barrados, castrados, não-todos, portanto, na lógica da impossibilidade da relação sexual.

Por isso, uma prática que considere o discurso do analista num espaço de domínio do S2 é, a princípio, uma prática sem sentido. Talvez o discurso do analista realmente tire os sentidos dos planejamentos perfeitos, das tentativas de tudo controlar. Talvez seja uma tentativa de enlouquecer a loucura da negação da castração. Esta sim, causadora do adoecimento.

O que o discurso do analista visa é o real, mas o real dessa impossibilidade da equivalência da relação sexual. Portanto não há aquele que possa ensinar sobre essa relação, não há possibilidade de se ensinar sobre o desejo, como nos ensina Freud ao dizer do impossível de educar.

Os fantasmas são as formas que o sujeito encontrou para poder viver: seus sonhos, amores, sofrimentos, pulsões, etc.

Na indústria, como na vida, esses fantasmas mobilizam o sujeito a um modo de enlaçamento com o outro que nem sempre é saudável.

Se do lado da indústria encontramos um modo de laço com o funcionário balizado pelo saber como agente, do lado do funcionário, graças ao seu fantasma, encontramos um discurso tipicamente histérico, pois como afirma Lacan no seminário XVII (1992a, pág. 28): “nada indica, com efeito, de que modo o senhor imporia sua vontade. Não há dúvida de que aí é preciso um consentimento.”

Tentar entender a lógica de funcionamento do discurso da histérica na indústria é o objetivo do próximo capítulo.

6. DISCURSO DA HISTÉRICA NA INDÚSTRIA.

“(...) o senhor está preparado no mundo para tudo, menos para o que se lhe pede! ...está preparado para mortificar-se durante cem anos e mesmo flagelar-se, não é verdade?
 -É verdade! Estou preparado de todo coração...
 - (...) O senhor está disposto a morrer, seu covarde, mas não a viver. Ao diabo! Mas terá de viver!
 Hesse (1993)

Discurso da Histérica



Como dito anteriormente, cada modo discursivo revela uma forma de o sujeito enlaçar-se a um outro. A disposição das letras em um lugar específico revela o funcionamento de um modo discursivo particular, o que significa que um discurso revela uma relação específica num momento também específico.

Dizer de um discurso da histérica não significa de modo algum dizer de uma estrutura da personalidade. Tomar um pelo outro seria cometer um grave erro. Se a estrutura aponta para o Édipo, para a castração e o nome do pai, o modo discursivo aponta para uma posição do sujeito em sua relação com o outro, mobilizado pelas verdades inconscientes.

Portanto, o discurso não se refere à estrutura e sim a um modo de enlaçamento no social. Nesse sentido, tomaremos o discurso da histérica para entender alguns posicionamentos do sujeito diante do outro.

Isso não significa, por exemplo, que um sujeito histórico sempre se posicione em sua relação com o outro a partir da lógica de funcionamento do discurso da histérica.

Na verdade, qualquer modo discursivo pode vigorar em qualquer relação subjetiva. Desse modo, o discurso da histérica que será aqui tratado, diz de uma disposição das letras em uma posição específica que pode revelar tanto a relação do funcionário, tomado como

agente do discurso, como o psicólogo ou o sindicato ou ainda o RH da empresa, revelando que o lugar de agente de um discurso pode ser ocupado por diferentes personagens.

6.1. A formalização do discurso da histórica.

Promovendo mais um quarto de giro no discurso universitário - tomando como ponto de partida o discurso do mestre - temos o discurso da histórica.

Nesse modo discursivo o lugar de agente é ocupado pelo \$, o que significa que o discurso da histórica é um modo discursivo gerido por um sujeito barrado, revelando um modo como o sujeito se dirige ao mestre, ao S1, na posição de outro enquanto um sujeito perdido em sua identidade, confuso em sua relação com o outro e pela relação com esse outro. O sujeito barrado, enquanto agente discursivo, ocupa esse lugar a partir de suas perdas, de suas confusões, de seus sintomas.

O outro ao qual esse agente perdido se dirige é um significante Uno, S1, ou seja, um mestre que é tomado como sendo aquele que poderá dar todas as respostas para que o sujeito possa se livrar da perdição em que se encontra.

Porém, o que se produz nesse modo discursivo são saberes que nada dizem sobre as causas dessa divisão do sujeito. São saberes vazios de sentido, ou mesmo sem sentido.

A verdade que esse modo discursivo não revela nem permite supor é que o que sustenta esse sujeito em sua perdição diante do outro é um gozo. Gozo mortífero, do qual precisa conseguir abrir mão caso queira se dirigir ao outro de um modo mais satisfatório e não como aquele perdido que se dirige ao mestre para que este lhe ensine, imaginariamente, os caminhos - evitando as verdades do inconsciente: da não equivalência na relação sexual e da castração.

A barra que separa o lugar de agente do lugar da verdade no discurso da histórica, revela que o que sustenta essa posição discursiva é a tentativa de o sujeito provocar o saber do mestre com o objeto *a* do qual luta para ser o porta-voz.

A impossibilidade que o discurso da histórica aponta é a de que o outro, tomado pelo agente como mestre, sempre conseguirá atender às suas reivindicações. Afinal, a barra

que marca o sujeito na posição de agente é insolúvel. Portanto, o agente no discurso da histérica, por mais que demande sempre uma leitura, uma decifração pelo S1, nunca se fará desejar infinitamente. Os sintomas – enquanto enigmas que pedem uma decifração – dizem do \$ e não do S1. Assim, o outro, muitas vezes, acaba por se cansar dessa demanda constante.

A impotência do discurso da histérica revela exatamente essa tentativa de se apropriar do saber do mestre para tentar decifrar os desejos daquele agente, porém sem nunca conseguir acessar a verdade de um discurso mantido por um gozo não sabido que mantém o \$ nessa posição de demanda. Em outras palavras, não é possível ao outro decifrar o sintoma do \$ sem que outro enigma daí advenha pedindo nova decifração.

O que o \$ na posição de agente nada quer saber é que ele goza da situação da qual se queixa. Tal como Lacan (1998c) nos diz sobre a intervenção de Freud no Caso Dora, na tentativa de que ela ocupe o lugar de mestre de suas verdades: “qual a sua parcela de responsabilidade na desordem da qual você se queixa?”.

Lacan, pensando nessa posição sintomática, afirma que nela “há gozo”, sublinhando a presença de um tipo de gozo do qual o sujeito não pode se separar totalmente, mas apenas aprender a lidar com ele. Essa forma de gozo, fora da lei do significante, conforme nos diz Arenas (2007), “não permite encontrar saída pela via da decifração ou da separação; é preciso inventar novas formas de conexão que permitam assumir e saber fazer com o mais próprio do sintoma”.

Lacan afirma que a linguagem é a condição do inconsciente, o que significa que o homem, diferentemente dos animais, não detém um saber acabado sobre a relação sexual. Neles há uma equivalência na relação sexual: o macho procura a fêmea, mobilizado pelo mesmo e único objetivo pelo qual esta o procura. Não há, portanto o desejo, e sim o instinto de procriação. No caso do homem, quando esse começa a falar, é porque já se instaurou um distanciamento entre seus anseios e sua satisfação, dando espaço aí para o surgimento do desejo.

Portanto, o ser de linguagem é um ser mobilizado pelo seu desejo, e é por essa via que o ser se dirige ao outro, através de um enigma a ser decifrado, pois ele mesmo nada quer saber sobre esse gozo que o impulsiona. Sintomaticamente ele espera que o outro lhe diga a verdade sobre a não equivalência da relação sexual, a castração.

É nesse sentido que, no discurso da histérica, o agente se dirige ao outro pela via sintomática, numa tentativa de fazer com que esse outro deseje decifrar o enigma de seu sintoma. Porém, como o saber que mobiliza o outro a essa tarefa é sempre insuficiente, visto que a verdade que o discurso histérico não revela é que “há gozo” nessa demanda, como afirma Lacan, qualquer tentativa de decifração pela via do Um significante, revelará sempre a impossibilidade da articulação agente-outro. O que o discurso da histérica não revela é que não há satisfações plenas, absolutas na humanidade e o abdicar de tais tentativas é a condição primeira da humanidade.

Como pensar esse modo de enlaçamento do agente ao outro, tal como apontado pelo matema do discurso da histérica no âmbito das relações de trabalho? Em outras palavras, como o discurso da histérica pode auxiliar na compreensão de laços sociais presentes na indústria? É o que este capítulo tentará elucidar.

6.2. O lugar de agente no discurso da histérica.

O discurso da histérica não será aqui tratado como a única forma de relação entre os que participam dos quadros de uma empresa embora seja, ao lado do discurso universitário, um dos modos discursivos mais comuns encontrados nas relações subjetivas do agente com o outro nesse aparelho social. Isso se dá devido à estrutura montada nas indústrias que tende a favorecer a cristalização do funcionário nesses modos discursivos. E é essa cristalização, como dito no segundo capítulo desse trabalho, que é problemática.

Não é objetivo deste capítulo analisar todos os laços sociais possíveis aos quadros funcionais das indústrias em que o lugar de agente é ocupado pelo \$. Serão analisados apenas alguns exemplos que podem ser compreendidos a partir do discurso da histérica.

No discurso da histérica, o \$ ocupando o lugar de agente busca um saber dirigindo-se a um outro, tal como se verifica quando um candidato à análise se dirige ao seu analista, ou quando um membro do grupo se enlaça ao líder ou mesmo quando o funcionário se dirige ao gerente, ao psicólogo ou ao guru, buscando o Um significante que o decifre.

A partir da lógica de funcionamento do discurso da histórica, podemos compreender o enlaçamento do funcionário, tomado como agente do discurso, tentando se enlaçar ao Outro através das metas a serem cumpridas, dos planos da empresa, abrindo mão de sua própria vida, num movimento mortífero que nada revela a si mesmo sobre seus próprios modos de gozo. E o que possibilita esse enlaçamento ao outro é aquilo que atravessa o agente, desestabilizando-lhe e atingindo-o. Tal desestabilização encontra, no cenário da indústria, uma falsa idéia da possibilidade de ser um funcionário perfeito, afinal, nesse ambiente a busca pela resolução de problemas é algo que faz parte dos desafios cotidianos. Tal ilusão pode atingir o agente em sua perdição diante dos enigmas do inconsciente, dando-lhe a idéia de que tudo de sua divisão subjetiva pode ser solucionado pela via do êxito profissional.

E é por essa via imaginária que o agente irá se enlaçar ao outro, através de propostas de intervenção, de treinamentos, entrevistas, dinâmicas, jogos empresariais, programas de capacitação.

A divisão subjetiva causa sofrimento e, ao enlaçar-se ao outro, o agente busca se livrar desse sofrimento. Ou seja, há a produção de um saber que o Outro detém e que pode ser transmitido. Essa ilusão prende o agente do discurso da histórica ao outro em busca desse saber, tal qual Acebíades tenta fazer com Platão no Banquete, como nos lembra Lacan (2003b, pág. 436). Entretanto, não há esse saber. O outro também é um ser cindido.

No espaço da indústria aquele que ocupa o lugar de agente do discurso da histórica, enquanto ser dividido, é constituído pela fala (simbólico) que o antecede nesse contexto: o funcionário (enquanto aquele que exerce uma função) foi pensado, desejado pela indústria já em sua fundação. Tal qual a mãe antecipa o sujeito ao nomear de *filho* as divisões celulares que ocorrem após a fecundação, assim também, o idealizador da indústria nomeou aquele que exerceria tal função por um significante que o nomeia *funcionário*, dando-lhe uma representação em seu corpo e em sua lógica de funcionamento.

Do seu lado, quando o funcionário ou o gerente ocupa o lugar de agente com sua divisão subjetiva, com seu anseio de atender a essa idealização como um funcionário exemplar, dinâmico, proativo... o que ele na verdade busca é uma resposta, uma decifração para sua divisão.

Como a divisão é o que, por definição, define o sujeito, ele acaba por se cansar de tentar se fazer desejar, nesse pacto inconsciente, passando, daí em diante a se posicionar no discurso com seus sintomas, com suas queixas.

Os exemplos a seguir, retirados de minha prática, buscam auxiliar nessa reflexão.

Caso 1: Gatorade

Sou contatado por um gerente de uma siderúrgica para um trabalho com uma equipe de funcionários, pois, segundo ele, por mais que tenha tentado, através de cursos, palestras e avisos, não vinha conseguindo mudar o comportamento dos funcionários para com a atividade que exercem e para com os colegas.

Após as entrevistas individuais, eu os encontro em grupo onde algumas questões, que já haviam sido mencionadas nas entrevistas individuais, são expressas e eu as anoto no quadro. Percebo que todas as questões colocadas são questões de clara demanda ao outro, nenhuma diz deles mesmos, num claro posicionamento na lógica do discurso da histérica que demanda soluções ao mestre e nesse momento tomam-me por seu representante. Apenas anoto enquanto falam. Em um dado momento, alguém acrescenta mais um item à lista de queixas: “queremos Gatorade!” No que é apoiado pelos outros. Após anotar, interrompo o fluxo das queixas:

-Queremos Gatorade?!

Começam uma discussão sobre o que é aquilo que dizem querer (é um suco, energético, etc), sem chegar a um acordo. Intervenho nessa dúvida sobre o que querem, eles afirmam que querem o que foi dado à outra área - imaginariamente é algo bom - tal qual nos revela o discurso da histérica: o mestre deve prover

com aquilo que tem, isso aliviaria a angústia das faltas. Porém o que o agente não quer é pagar o preço com sua cota de gozo para ter acesso a seu desejo: o Gatorade é oferecido para reposição de sais minerais perdidos no exercício da atividade executada pelos funcionários de uma área vizinha e aqui serve perfeitamente ao propósito de fazer com que os funcionários nada queiram se haver com seu gozo. Qualquer coisa que mobilize o gozo permitindo ao sujeito permanecer alienado ao desejo do Outro, serve a seus propósitos, mesmo um líquido que não se sabe o que é, para que serve, qual o gosto, etc.

No discurso da histórica, o agente demanda ao mestre que lhe dê, que lhe provenha com aquilo que imagina que o mestre possua.

Ao final intervenho “o que querem? O que estão dispostos a pagar para tê-lo? O que depende da decisão de vocês?”, numa tentativa de uma implicação do sujeito em sua posição no real apontando para o nada querer saber sobre o que lhes compete ao ocuparem seu lugar com queixas e demandas que na verdade revelam o nada querer saber sobre si mesmos, como o revela o pedido: “queremos Gatorade!”, ou em outras palavras “queremos nada saber sobre o que nos compete; queremos ser amados, afagados, ilusoriamente aliviados de nossa angústia inconsciente da castração!”.

Penso que esse exemplo reflete o mais de gozo da relação do funcionário com a indústria: queremos ser atendidos, queremos ser amados, queremos ganhar tudo – tudo que explique a não equivalência da relação sexual, tudo que me complete. Nesse movimento queixoso, o sujeito atrela-se a um gozo mortífero, sempre demandado a um outro. Afinal, como dito anteriormente, a condição da humanidade é aceitar que não se pode eliminar a barra que marca a divisão subjetiva.

Caso 2: Diferentes personagens ocupando o lugar de agente do discurso da histérica.

Como dito no início desse capítulo, o lugar de agente no discurso da histérica será analisado no presente trabalho como sendo aquele ocupado não apenas pelos funcionários de primeiro escalão, como pelos técnicos dos recursos humanos, pelos gerentes ou mesmo pelo psicólogo. O exemplo a seguir ilustra um caso onde, em momentos variados, o lugar de agente do discurso da histérica foi ocupado por sujeitos diferentes.

Esse exemplo, tal como o que consta na introdução desse trabalho, foram retirados de minhas primeiras tentativas de implicação do sujeito em seu discurso.

Ao longo de vários meses encontrei-me diversas vezes com um grupo de funcionários, tentando inutilmente provocar um trabalho subjetivo, uma mínima implicação naquilo que traziam em seu discurso.

Sem que me desse conta nesse momento, acabei ocupando o lugar de mestre do discurso da histérica pontuando ao RH as “carências” do grupo. O setor de RH, revezando-se nessa mesma função, tentava suprir essas demandas, tentando prover o sujeito daquilo que, imaginariamente, lhe faltaria.

Em alguns momentos do trabalho, a gerente de RH, ocupa o lugar de agente do discurso da histérica, queixa-se do não envolvimento dos funcionários com as causas da empresa, da apatia e do desinteresse dos funcionários.

Num dado momento, reúno-me mais uma vez com esse grupo de funcionários, que, novamente, tenta repetir o que vinham fazendo até então: queixar-se ao mestre, pedindo soluções.

Interrompo:

- Parece que queixas nunca faltam! Mas o que vocês têm feito? O que têm pensado diante de tudo que foi colocado por vocês até agora... como se vêem nisso tudo?

Tentativa de intervenção inútil, afinal, já ocupava para eles o lugar do mestre ou um seu representante que tudo sabe e que de tudo pode prover daquilo que a histérica, incessantemente, demanda.

Alguém diz:

- Pensar? Não há o que pensar; a empresa não mudou nada, como é que nós vamos pensar? O que podemos pensar é que nada muda aqui.

Diante da afirmação de que nada querem saber sobre seu gozo, retomo algumas das queixas que a empresa buscou solucionar:

- E vocês, o que tem feito por vocês, pelas relações cotidianas com os colegas?

- Não temos problemas com os colegas, não temos problemas de relacionamento. Nossos problemas são causados pela empresa.

Tal qual o mestre chocado diante da queixa incessante da histérica, minha impotência se revela:

- E os problemas que me disseram nas entrevistas individuais, e os graves desrespeitos, desconsiderações, deslealdade entre vocês?

- Quem disse isso?

Diante de tais afirmações, passo a ocupar o lugar de agente no discurso da histérica afirmando que não me é mais possível trabalharmos juntos se assim colocam as coisas, afinal não sobram mais que duas opções: ou sou um enlouquecido (pelo desejo do Outro), ou um canalha. Afirmo que de agora em diante seguirão sem minha presença, afinal não se deve contratar um louco ou um canalha para um trabalho como esse.

Tentam ainda continuar. Pontuo.

- Parece que vocês ainda têm coisas a dizer, a pensar, me disponho a ouvi-los num outro dia, após terem refletido sobre o que querem.

No dia marcado a conclusão a que chegaram é a de que:

- Talvez tenhamos problemas, e temos, mas não queremos mudar isso agora, pra isso teremos que abrir mão de muita coisa e não estamos dispostos nesse momento.

Como não foram ouvidos de um outro lugar senão o do discurso da histérica - devido à má condução das intervenções, uma vez que acabei não conseguindo me manter sempre no lugar de agente do discurso do analista, enquanto causa do desejo - não puderam ser convocados ao trabalho subjetivo que lhes possibilitaria promover giros na cadeia discursiva. Deste modo, não conseguem abrir mão da cota de gozo que os mantém alienados na queixa ao Outro, numa escolha declarada: não queremos abrir mão.

Durante algum tempo tive notícias sobre o grupo que, ao que me pareceu, não conseguiu se acomodar confortavelmente no lugar que antes ocupava. Alguns pediram para trocar de setor, outros tentando resolver antigas questões, discutiram entre si - o que até então não ocorria - e outros passaram a reivindicar um tratamento mais cordial dos colegas. Sugeri ao RH que encontrasse, um tempo depois, alguém que pudesse ocupar esse lugar de objeto causador do desejo que eu não consegui ocupar nesse momento.

Caso 3: O que a empresa fez comigo?

Em um encontro com funcionários de uma área responsável por pesquisas de uma indústria, são colocadas questões sobre o dia-a-dia de trabalho e as dificuldades que eles têm no trato uns com os outros na empresa. Num dado momento dirigem questionamentos ao funcionário mais antigo do setor com o qual a maioria afirmava ter dificuldades para se relacionar. Apontam-lhe que seus modos excessivos de servir a empresa acabam por afastá-lo de um convívio mais satisfatório com os colegas. Diante do que lhe é dito, o funcionário afirma:

- Eu sou assim, visto integralmente a camisa da empresa há muitos anos e não é só durante a semana. No final de semana também. Chega sábado e domingo eu fico quase o dia todo na frente do computador pensando sobre trabalho. Minha esposa reclama, mas agora menos. Já foi muito mais. Pra vocês terem uma idéia, tem uns cinco anos que abriram uma pizzaria na esquina da minha casa e até hoje não levei minha esposa lá. Eu acabei vivendo assim: para a empresa. Em qualquer área que chego todo mundo me conhece. Sei como lidar com todo mundo, do presidente ao cara que derruba árvore no campo.

Tal fala revela um modo discursivo que favorece o nada querer saber sobre seu gozo, porém, tudo sabe sobre o que deve ser feito para que as coisas caminhem bem para o Outro, mas nada quer saber sobre o que o mantém atrelado ao desejo do Outro, “afinal não tem que ser assim? Não sou bom funcionário? Não é para isso que a empresa me paga?” Não sabe mais como convidar a esposa para sair e não quer mais saber como viver com esse outro, seu parceiro amoroso. Por outro lado, tudo sabe sobre o outro enquanto parceiro em busca de reconhecimento.

Em certos momentos, mesmo gozando de sua posição de saber, ele pode se dar conta da castração do mestre, apontando-a e aguardando um reconhecimento que nunca vem:

-Mesmo assim, dedicando minha vida à empresa, não sou valorizado, reconhecido, sou um qualquer.

- Como você vê isso?

- Acho isso muito injusto, claro.

Desse modo, o funcionário, ocupando o lugar de outro no discurso do mestre aponta as divisões do mestre: “mesmo assim, dedicando minha vida à empresa, não sou valorizado, reconhecido, sou um qualquer. Acho isso muito injusto”.

- Parece que as coisas não têm sido como você gostaria?

- Não.

- Como você se vê diante do que foi colocado aqui?

- Tenho que mudar alguma coisa, não sei como, acho muito difícil mudar alguma coisa nessa altura da minha vida. Eu queria ser mais valorizado, respeitado na empresa.

- De que modo?

Silêncio.

-Não sei.

Tal fala revela a tentativa de se apresentar diante do mestre com seus sintomas, com suas frustrações, convocando-o a resolvê-las, afinal, não é o que a empresa deseja de mim? Ao atender ao desejo, ao chamado da empresa, na expectativa de ser reconhecido pelo seu chefe, tenta fazer-se desejado, decifrado pelo mestre. Quando o mestre não demonstra nele estar interessado, se frustra:

“mesmo assim, dedicando minha vida à empresa, não sou valorizado, reconhecido, sou um qualquer”, não conseguindo ser nada no desejo do outro, pelo menos não mais que qualquer um.

É nesse sentido que um funcionário busca sempre saber o que a empresa espera dele, para que possa atender-lhe e assim, imagina, terá seu emprego garantido por ser um funcionário exemplar e indispensável.

Depois dessa fala, vários colegas falam, dão exemplos dos limites que põem à empresa no seu exercício funcional. Intervenho:

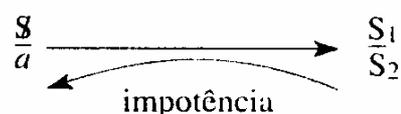
- Parece que, embora a empresa seja a mesma, cada um se envolve de um modo muito particular nessa relação, cada um encontra um jeito próprio de estar aqui...

6.3. Intervir no discurso da histórica.

No discurso da histérica o sujeito está no lugar de agente, é com seu sintoma que domina o discurso. Em outras palavras, o agente do discurso ocupa esse lugar com seus sintomas, com suas queixas, tentando provocar o outro, o mestre a produzir um saber, numa tentativa de decifrar os sintomas que o agente lhe apresenta.

Nesse sentido, na indústria, o agente do discurso (funcionário) deseja um chefe que saiba muitas coisas, mas que não governe e sobre o qual ele possa reinar, tal qual revela o interjogo dos matemas. Quando o mestre responde do lugar do outro, o discurso da histérica retorna ao discurso do mestre e se a posição do outro é ocupada pela histérica, certamente ela apontará a castração do mestre:

Discurso da Histérica



Nas posições superiores, a seta parte do agente ao outro, não retornando, revelando as constantes demandas que partem do agente e são direcionadas ao outro, porém a impossibilidade que esse modo discursivo revela é de que infinitamente o outro deseja decifrar os enigmas do \$, tal qual ele gostaria. As posições inferiores revelam que o outro é impotente em sua tentativa de deter um saber sobre os modos de gozo que mantém o \$ nessa posição.

Pelo contato com alguém que sabe que os discursos são semblantes e, por conseguinte, consegue manter-se sendo o *a* (être l'a), os sintomas iniciais podem perder sua significação, adquirindo outra.

Inicialmente, para que o funcionário aceite as intervenções que possam provocar um primeiro discernimento do sujeito em sua posição no real, estas não devem tocar o real de seu gozo revelando seu comprometimento com o Outro, visto que, nesse momento, a

intervenção do analista¹⁰ é tomada como uma suposição de saber pelo funcionário. Inicialmente, o que o funcionário deseja é encontrar um mestre que lhe diga tudo, que decifre os enigmas que o mantêm atrelado de modo mortífero ao desejo do outro, sem que tenha que se implicar no discurso que tenta entregar a esse que supõe tudo saber sobre si mesmo.

A histérica, como observa Freud, se recusa a utilizar seu sintoma como uma causa de seu modo de existir. Deste modo, a histérica coloca um “não sei por quê” entre o sintoma e a causa. Afinal, o inconsciente é, como afirma Freud, esse saber que o sujeito não sabe que sabe.

A posição histórica de demanda de saber sem o desejo de saber revela a divisão de um sujeito que se oferece ao outro como aquele que precisa ser ensinado, ensinado sobre o real da relação sexual. Nesse momento, se o funcionário encontra a psicologia ou as propostas da administração, no campo do discurso universitário, enquanto aquele que oferece um saber, então tudo se [des]arranja. Por isso, o analista é o único que consegue indicar ao sujeito que, ali onde ele se queixa como vítima de uma situação da qual não vê saída, na verdade “há gozo”.

Nesse sentido, o analista assemelha-se ao sábio do verso budista citado por Quinet (1997, pág. 17) em As 4 + 1 condições da análise:

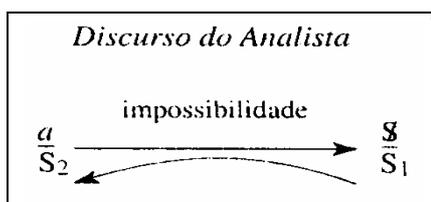
*Quando curiosamente te perguntarem, buscando saber o que é aquilo,
Não debes afirmar ou negar nada.
Pois o que quer que seja afirmado não é a verdade,
E o que quer que seja negado não é verdadeiro.
Como alguém poderá dizer com certeza o que Aquilo possa ser
Enquanto por si mesmo não tiver compreendido plenamente o que É?
E, após tê-lo compreendido, que palavra deve ser enviada de uma
Região
Onde a carruagem da palavra não encontra uma trilha por onde possa
seguir?
Portanto, aos seus questionamentos oferece-lhes apenas o silêncio,
Silêncio – e um dedo apontando o caminho*

¹⁰ O termo analista empregado nesse trabalho é exatamente uma referência a alguém que sabe que os discursos são semblantes e, por conseguinte, consegue manter-se sendo o *a* (être l'a), não se referindo, portanto, necessariamente ao analista de uma Escola.

Tal qual o mestre budista, o analista se silencia e convida o sujeito ao trabalho. Afinal, o que precisa ser descoberto são seus modos de gozo, revelados pelas formações do inconsciente. Não há um saber a ser ensinado, há um saber a ser inventado, o saber do inconsciente.

7. O DISCURSO DO ANALISTA¹¹ COMO HORIZONTE.

“Hay sujeto cada vez que el individuo se aparta de la especie, del género, de lo general, lo universal”
J. A. Miller



7.1. A formalização do discurso do analista.

O discurso do analista por ser o reverso do discurso do mestre, cuja torção, tal como revelada pela representação da fita de Moebius, implica numa recusa a todo discurso de dominação. Lembrando o texto freudiano, o discurso do analista se estabelece à parte de toda tentativa de educação (discurso universitário) ou de governo (discurso do mestre).

O discurso do analista é aquele que impulsiona o ato do analista, ou seja, é a combinatória de letras a partir de seu modo de enlaçamento do sujeito com o outro possibilita o surgimento, pontual, do *ato analítico*, qual seja o de colocar-se no lugar de objeto causa de desejo para um sujeito barrado, sabendo-se ocupar esse lugar a partir das verdades que esse sujeito deverá produzir em cima dos significantes mestres que o impulsionam, sem que esses o consumam.

O agente que põe o discurso do analista em movimento é o objeto *a*, enquanto aquilo que nunca se deixa governar, desejar, analisar ou educar completamente. É o que sobra das manobras do sujeito. Ou seja, é aquilo do sujeito que foi recusado, que não se quis saber e que por isso mesmo revela sobre os “modos” do sujeito mais do que de suas “obras”.

¹¹ Para o presente trabalho o termo analista será utilizado numa referência àquele que, em sua prática, ocupa sua posição enquanto semblante de objeto *a* em sua versão causa de desejo, mesmo que não seja reconhecido como tal. Com isso, busca-se, uma maior coerência com os termos utilizados por Lacan para a formalização dos discursos.

Esse objeto que ocupa no discurso do analista o lugar de agente é um objeto que herda características de um objeto sobrado do real, das posições do sujeito diante de um outro, e ele deve mesmo sobrar, no sentido de não ser mais necessário às produções do sujeito ao final do processo que conduz.

Caso o analista ocupasse um lugar não como *semblante de a*, mas como S1 ou como massa real, ele seria um agente violentador do sujeito, causando mais seu horror do que sua produção.

Ao fazer-de-conta de objeto, o analista provoca o surgimento do desejo do sujeito, enquanto desejo do Outro. Em outras palavras, quando o analista se coloca como objeto, o sujeito se dirige a ele motivado pelos significantes mestres que o movimentam. E a partir desse endereçamento do sujeito, o analista poderá intervir.

Desse modo, o sujeito será convocado a produzir, a trabalhar em cima dos significantes mestres que o dirigiam, podendo assim mudar sua posição subjetiva diante de seu desejo, o que fica evidente no desenvolvimento da análise pelas mudanças de posição do objeto *a* e do sujeito \$, nos modos discursivos. Como exemplo, podemos tomar o discurso do mestre, onde o objeto *a* ocupava uma posição de dejetivo do gozo do outro, para a condição de causa da divisão do sujeito. Caso o analista se confunda com esse objeto, o sujeito, novamente, será levado a ocupar a cena como uma verdade recalçada, recusada.

Dizer que o analista ocupa o lugar de agente enquanto *semblante* de objeto é dizer que o analista não o faz como enganador, mas como um agente provocador do surgimento do desejo do sujeito, para que desse lugar possa ler o que daí virá. Ou seja, ao ocupar seu lugar como objeto causa de desejo, o analista provoca uma movimentação de gozo, podendo assim lê-la e desmontá-la.

O saber (S2), ocupando no discurso o lugar da verdade revela que o saber que o discurso do analista revela é um saber que vem de um outro lugar (inconsciente) e que não é um saber dado, é um saber a ser buscado.

A posição de produção sendo ocupada pelo S1 revela que o significante mestre aí nessa posição é um significante do sujeito, produzido por ele, desalojado de seu lugar de maestria, de outro ou de verdade. Desse lugar, o S1 é Um significante mais satisfatório, exatamente por ser uma produção do \$ e não do Outro ou do outro.

O que o discurso do analista produz é o significante unário, S1, ou seja, pelo encontro do sujeito com o discurso do analista ele poderá produzir seu significante Um, ou seja, deixará de ocupar a cena a partir dos significantes que vêm do Outro.

O agente do discurso do analista é o objeto *a* em sua vertente de objeto causa de desejo, parcial, perdido, signo, impossível de ser assimilado, não sendo possível assimilá-lo totalmente em uma vertente real, ou seja, o analista no lugar de agente convoca o outro, \$, ao trabalho. Trabalho subjetivo, trabalho sobre seu desejo enquanto ser de falta. Falta com a qual o sujeito precisa se haver, abrindo mão de um mais-de-gozar que o aprisionava, até então, a um desejo que vinha do Outro, um desejo que o alienava de sua divisão.

O que significa que ocupando o lugar de agente enquanto objeto *a*, o analista não se equivale a uma pessoa real e particular, nem tampouco a um fazer de conta que é analista e sim como semblante do objeto causa de desejo.

Como semblante, o agente do discurso do analista condensa o real e o imaginário, possibilitando a canalização do gozo do sujeito, exatamente por ser um objeto esvaziado dessa substância real.

Mesmo sendo portador de um saber (sobre o inconsciente), o analista não pode fazer uso deste saber, nem ao menos mencioná-lo, pois fazer uso do saber é entrar no circuito do discurso universitário, com todo o preço que isso acarreta. Esse saber do discurso do analista é um saber que precisa ser produzido na própria análise, pelo \$. É nesse sentido que Lacan afirma que é no encontro com o analista que o inconsciente passa a existir, é inventado pelo analisante a partir das leituras, dos sinais e que se forma nesse outro lugar, a saber, o inconsciente enquanto hiância.

Diferentemente do discurso universitário, no discurso do analista as formações do inconsciente se apresentam na análise como o \$, sendo por ele lidas e não pelo analista, e cada leitura remete a um outro desvelamento e uma leitura jamais será equivalente à outra. Tal leitura se dá pelo analisante na presença de um Sujeito suposto Saber, que sustenta a transferência, tal como afirma Aurélio de Souza (2004, pág. 129):

(...) o objeto [a], neste lugar de semblante, possibilita ao analisante [\$], sob transferência, interrogar seu desejo e fazer cada vez uma outra leitura disso que se realiza em ato, como formação do inconsciente. As letras ou os significantes, que fazem borda nesse lugar de horror ou de gozo [o que vem dar no mesmo],

vão ser lidos e decifrados pelo sujeito, cada vez com sentidos diferentes dos anteriores.

A verdade do discurso do analista é um saber sobre essa divisão, ou seja, no discurso do analista o sujeito é convocado a produzir um saber sobre seu gozo, sobre suas faltas, sobre seu desejo.

Portanto o único sujeito possível no discurso do analista é o sujeito em sua divisão entre o desejo e o gozo.

O saber enquanto verdade subjetiva encoberta, remete-nos à constatação de que o saber que esse modo discursivo busca desvelar é um saber sobre o sujeito, um saber do caso sempre único, portanto um saber a ser descoberto, revelado, que não está aí, tal como no discurso do mestre ou da universidade. Não é tampouco um saber que é produzido tal como revela o discurso da histórica. A verdade surge através dos semiditos, ou seja, não é pelos ditos racionais, organizados que a verdade subjetiva se mostra, é antes, pelas falhas, furos no discurso coerente que se apresenta o sujeito, nos intervalos entre os significantes, como ensina Lacan.

Nesse sentido, o saber enquanto verdade é um enigma a ser decifrado. A verdade do discurso do analista é uma verdade recalcada: um dito entre linhas, entre letras.

Como nos lembra Rabinovich (2005, pág. 13)

(...)nossa função, enquanto analistas, é colaborar no advento e no reconhecimento do desejo inconsciente, função que se indica no discurso do analista, através desse impossível que, no manifesto, articula a sua primeira linha: \$ <> a, a fórmula da fantasia, através da qual o a lhe chega ao sujeito. Nossa função se afasta, pois, da ortopedia do desejo; não cremos que tornar consciente o inconsciente seja sinônimo de “secundarizar”, de adaptar o desejo ao processo secundário, formulação essa que somente se pode sustentar no desconhecimento dos enunciados da teoria freudiana.

A realização do desejo, como nos lembra Lacan (1992b), no seminário sobre a transferência, não significa tomar posse de um objeto qualquer, é antes fazer emergir a realidade do desejo do inconsciente.

O discurso do analista condensa as impossibilidades que todos os outros revelam, ou seja, o discurso do analista é o único que reafirma a impossibilidade de analisar todo o real, de se fazer desejar, de tudo governar ou tudo educar, como afirma Lacan no seminário

XVII (1992a) deve se opor “a toda vontade, pelo menos confessada, de dominar”, ou de gozar.

O sujeito, \$, ao ocupar a posição de outro do discurso permitirá que se escreva a fórmula da fantasia fundamental: $\$ \langle a$. Deste modo o sujeito não apenas se faz de objeto, num movimento de repetição que a transferência possibilita, como também se oferece como objeto a ser gozado, objeto caído de um desejo do desejo do Outro. Outro que, como dito anteriormente, é ficção, objeto que, enquanto causa, resistirá sempre a toda tentativa de captura.

O \$ dirige suas demandas ao agente tomado como objeto, e este, por ocupar seu lugar como semblante de objeto a , impulsionado pela ética do desejo, oferece seu silêncio, recusando-se em ser gozado ou gozar. O analista, por saber da impossibilidade de tudo analisar, devolve integralmente em forma de um enigma isso que o \$ se recusou a decifrar, o que acaba por horrorizar o \$ com o que veio dele mesmo.

Em outras palavras, o agente do discurso do analista recebe do analisando (discurso da histórica) um texto para que o decifre, um texto cifrado, se ele se arvora em decifrá-lo ele entra no circuito do discurso da histórica ocupando seu lugar como mestre. De sua posição, o analista deve devolver o texto cifrado para que o analisante invente interpretações para um texto que lhe é próprio.

Portanto, ocupando lugar de agente do discurso, o analista convoca o outro ao trabalho, intervindo a partir das formações de seu inconsciente.

A impotência que esse modo discursivo revela é a tentativa do significante unário em tentar dominar o saber sobre as formações do inconsciente. O sucesso dessa empreitada do S1 seria uma fabricação de significantes a partir do real.

Por esse movimento do analista, o Outro antes gozador, passa a ocupar sua justa função de envoltório do objeto a , ou seja, uma cobertura, uma cápsula que guarda o vazio, o real enquanto impossibilidade de totalidade. Por seu ato, o analista convoca o \$ a ocupar seu lugar de Outro, o que significa que o Outro deixa de ocupar a cena enquanto ordem, saber, objeto, passando a ocupá-la com sua barra, que é a marca de sua castração, de sua não-totalidade.

No discurso do analista, ao ocupar o lugar de produção, o S1 passa daquilo que comanda (como no discurso do mestre) àquilo que se conseguiu produzir a partir do ato

analítico, ou daquilo que restou como resultado desse ato. Deste modo o S1 passa a ocupar seu lugar de modo “menos tolo”, como ensina Lacan.

7.2. Saber e verdade.

A psicanálise deve sua possibilidade de existência a Descartes que retira de Deus o título de única fonte de saber. Com Descartes, a única fonte de conhecimento deixa de ser Deus, passando a ser o homem: penso logo sou, ou seja, sou aquilo que penso, que sei racionalmente. Com isso, o homem passa a acreditar que pode tudo saber, tudo governar.

Por outro lado, com essa crença de totalidade do homem, tudo aquilo que não pode ser governado, educado, desejado, interpretado será excluído, eliminado.

A posição de verdade no discurso do analista será ocupada pelo S2, significando que nesse modo discursivo o lugar de objeto causa de desejo é sustentado por um saber inconsciente que não está, a princípio, acessível ao sujeito, que é então inventado pelo sujeito a partir do encontro com o analista. Esse saber que irá mobilizar o sujeito, vem de seu inconsciente e não do Outro. Nesse sentido, o saber com o qual a psicanálise trabalha não é um saber das ciências, embora deva seu nascimento a essa ciência. A psicanálise desvela um saber que não é da ordem do real, mas nem por isso se localiza na ordem mística ou mágica.

O discurso do analista vem mostrar ao homem que sempre há algo que escapa à tentativa de totalidade, que está representada no discurso do analista pelo lugar ocupado pelo objeto *a*. Isso desde Freud que apontava essas impossibilidades, como dito anteriormente.

Silvia Amigo (1999, pág. 109) assim explica a destituição subjetiva afirmando que Lacan estabelece uma disjunção

(...) ou não penso ou não sou”. Se não penso, se não me responsabilizo pelo peso do pensamento, então “sou” o objeto do Outro. Se penso, se me coloco como sujeito do pensamento, então o pensamento inconsciente opera o vazio do se do objeto e portanto “não sou” o objeto do Outro. Esse “não sou”, quando é alcançado de forma definitiva, é a destituição subjetiva.

Deste modo, a psicanálise aponta para o que é possível, visto que algo é sempre possível, na relação do sujeito com o outro, dentro da impossibilidade de tudo saber, tudo governar ou dentro da impossibilidade da equivalência na relação sexual. O Saber inconsciente está sob a égide do objeto que nunca pode ser capturado.

Como resultado do trabalho possibilitado pelo encontro do sujeito com o analista, esse sujeito pode conseguir escrever um modo discursivo onde irá ocupar um lugar no Outro. Porém aqui, o Outro revelará sua incompletude, graças à presença faltosa do sujeito barrado.

7.3. Encontrar um analista e os giros discursivos.

“... aos seus questionamentos oferece-lhes apenas o silêncio,
Silêncio – e um dedo apontando o caminho”.
Verso Budista (citado em QUINET, 1997, pág 17)

Uma prática pode ter efeitos no inconsciente, mesmo que não objetive a esse fim. Isso se deve ao fato de que a condição do inconsciente é a linguagem, e se há linguagem, a fala pode produzir efeitos terapêuticos.

Seja lá onde se dê o encontro entre o sujeito e o discurso do analista, inicialmente o sujeito pede que lhe seja oferecido um significante mestre que o alivie de seus sofrimentos. É somente pelo ato analítico que o sujeito pode não mais demandar significantes mestres no lugar de agente. Inicialmente pela sua passagem pelo discurso histérico o sujeito começa a produzir saber, já que nesse discurso o sujeito ocupa o lugar de agente com seu sintoma, produzindo nesse momento um saber sobre esse sintoma. Enquanto vai produzindo, o sujeito vai se apropriando dos significantes mestres de que tem feito uso para construir seu discurso.

Inicialmente o analista é convocado no lugar de Outro, sendo chamado a explicar, responder, solucionar. Durante algum tempo o analista acolhe essa convocação, o que não significa de modo algum que deva encarnar esse Outro, nem responder do lugar de saber ou de significante mestre.

Esse momento é o momento de produção de saber do discurso histórico no qual se encontra o sujeito e o sujeito não conseguirá avançar em seu trabalho com o analista sem essa produção de saber. E é exatamente por esse motivo que o discurso histórico é também chamado de discurso do analisando.

O analisante enquanto sujeito convoca o analista enquanto significante mestre para que ele produza um saber que o leve a nada saber – ou nada querer saber – sobre seus modos de gozo.

Ao não responder como S1 produzindo saber, o analista deixa de ser convocado no lugar de mestre e passa a sê-lo no lugar de objeto, pela operação do quarto de giro.

O significante unário, S1, passa a ser menos louco, menos intransigente, pois ele está no discurso do analista como produção ou perda, ou seja, representa a cota de gozo da qual o sujeito conseguiu abrir mão em seu enlaçamento ao outro.

Pela lógica do discurso do analista, o sujeito deixa de ser regido ou de dirigir-se a um significante, passando a ser mobilizado pelo seu desejo. Desse modo o ponto de fixação do sujeito com o real deixa de ser sustentado por um gozo mortífero, passando a sê-lo pelo desejo: de criação, produção, educação, etc.

Para fazer com esse saber que adquire, demanda objetos como “matérias-prima”. Ao encontrar o discurso do analista, o sujeito toma aquele que ocupa o lugar de agente nesse modo discursivo como objeto. Nesse momento, o agente precisa conseguir ocupar seu lugar como semblante de objeto para que possa provocar uma torção na relação do sujeito com o outro: o analista enquanto objeto causa do desejo, convoca o sujeito a produzir sobre um desejo que é o seu. E após efetuar os cortes pelos atos analíticos, o próprio sujeito poderá encontrar em um outro o semblante de objeto causa de seu desejo.

Com as mudanças discursivas, o objeto *a*, ao tomar o lugar de agente no discurso do analista como objeto que *causa* o desejo, perde sua substância. Desse modo o objeto não pode mais ser gozado, visto que não tem mais uma substância palpável, é algo evanescente. Deste modo, o sujeito não consegue mais se fixar num gozo do objeto.

Esta perda de gozo está bem representada no discurso do analista pelo S1 ocupando o lugar de produção, nesse caso, também chamado por Lacan de *perda*.

Alguns pontos marcam a diferença entre o discurso do analista e os demais sem que, no entanto, possamos tomá-lo como sendo melhor que os demais:

É o único discurso que toma o outro como um sujeito barrado.

É o único que toma o objeto *a* em sua vertente de causa de desejo.

É o único que opera sobre os significantes, sem colocá-los no lugar de agente.

Também é o único que, não negando a importância do real, não coloca o sujeito numa posição de impotência frente a esse real, ao apontar que há algo de possível, que é a mudança da posição do sujeito frente ao que não cessa de não se inscrever. O mesmo real que sustenta a fixação a um gozo mortificante pode ser o lugar de causa de desejo, desejo de vida.

Pela lógica de funcionamento do discurso do analista, o sujeito pode mudar, não os objetos de gozo em si, mas seus modos de gozo com tais objetos.

Desse modo, o discurso do analista se opõe ao discurso neurótico, uma vez que ele tenta ratificar os modos repetitivos de gozo do objeto e o discurso do analista busca retificá-los.

Para Lacan, compete ao discurso do analista refrear o gozo, mas de um lugar diferente dos demais discursos, por considerar o sujeito como barrado e a não equivalência na relação sexual.

A psicanálise não pensa poder dominar o real, porém sabe que se pode lidar com esse real de um modo mais eficaz, menos devastador.

No momento do encontro do analisante com o analista, compete a esse último não fazer uma parceria sintomática seja com o outro na posição de agente ou vice versa, mas transformar a demanda em uma demanda intransitiva, radical, vazia e pura para que o analisante possa se confrontar, no devido momento com sua própria castração. Essa operação só é possível graças ao desejo do analista que, como afirma Lacan em “Subversão do sujeito e dialética do desejo” (1998a), é o meio pelo qual o sujeito pode se confrontar com “a vontade de castração inscrita no Outro”.

Assim (SOUZA, 2003, pág. 129),

(...) o inconsciente deixa de funcionar como se fizesse parte de um conteúdo que existisse na ‘profundidade’ do aparelho mental do analisante ou que se constituísse como um dado prévio para o sujeito. A subjetivação desse Saber que existe no real, desse ‘não saber do Outro’, faz-se em ato, na presença de um ‘Sujeito suposto saber’[SsS]que sustenta a transferência

7.4. Aplicar a psicanálise à indústria.

Furtar-me-ei de discorrer sobre a relevância e as questões teóricas envolvidas nos trabalhos de psicanálise aplicada, tal como vêm sendo debatidas e postas em prática por vários grupos tanto da Europa quanto daqui, visto que isso implicaria em me desviar dos objetivos no presente trabalho.

Quando Lacan formula os discursos, ele o faz para pensar os modos de o sujeito se enlaçar ao outro no social. O presente trabalho é uma tentativa de intervir no contexto da indústria, tomando como base o texto lacaniano.

Nesse sentido, a proposta deste trabalho é pensar a prática na indústria a partir dos modos discursivos, tal como formulados por Lacan, numa tentativa de aplicar ao contexto da indústria os discursos, respeitando obviamente algumas limitações.

De fato é possível pensarmos a aplicação da psicanálise num contexto institucional, ou no contexto da indústria, uma vez que quando saímos do setting analítico tradicional, nos aproximamos do real, mesmo que nesse espaço o funcionário não tenha uma transferência com o próprio analista.

Aquele que ocupa o lugar de agente do discurso do analista, ao se recusar a oferecer uma resposta ao funcionário a partir de suas queixas tenta provocar uma reflexão sobre o lugar que tem ocupado com seu gozo, com sua atuação. Em outras palavras, que posição tem assumido diante do desejo do Outro.

Mesmo que o discurso do analista não apareça diretamente nessa relação do analista com o funcionário, nas reuniões nas quais esse analista se encontra presente, vai haver uma proliferação das formas discursivas de mestre, histórica ou mesmo de universitário. Cabe ao analista, como já dito, não ocupar, nesses discursos seja a posição de agente ou de outro, mas manter-se em sua posição de ser o *a* (être)l'a), fazendo semblante para que alguma mudança na posição discursiva presente se modifique, obtendo uma implicação, mesmo que mínima, do sujeito em seu discurso responsabilizando-se, mesmo, repito, minimamente naquilo do que se queixa.

É função do agente do discurso e não do funcionário (enquanto outro) construir a demanda do sujeito a partir das demandas neuróticas, do sintoma. O analista pela sua

postura, pode, a partir dessa demanda, tentar levá-lo a questionar seu desejo, favorecendo uma suposição de saber, abrindo-lhe a possibilidade de que venha a demandar uma intervenção.

No caso específico da indústria, a transferência inicial se dá, não com o analista, mas com a proposta de treinamento, de consultoria que lhe chega através do supervisor, do gerente, enquanto representantes do Outro (indústria), com o qual o sujeito se enlaça.

Certos vínculos de trabalho positivos com o analista na indústria, portanto, só irão se estabelecer a partir do compartilhamento do funcionário com os ideais da indústria, com o Outro que ela representa em seu imaginário, portanto com suas identificações ao S1.

Isso não significa que esses vínculos sejam provocados pela indústria, pois é o sujeito que os estabelece com seus significantes. Deste modo, ainda que a indústria seja a mesma, cada sujeito a constitui a partir de seus modos de gozo com o outro.

Nesse sentido, cada funcionário vincula um S2 à indústria, aos lugares nela existentes e é a partir dessa vinculação que cada um encontra o analista enquanto *a* e é somente a partir da posição do analista que o funcionário poderá endereçar ao outro uma questão sobre sua relação com a posição que ocupa nesse espaço.

Inicialmente, a função do analista é a de acolher esse funcionário, porém instituindo o desejo do analista, não ocupando o lugar do Outro social, como o faz a psicoterapia. Ocupar tal posição excluiria a possibilidade de surgimento do um a um, fazendo com que o funcionário repita as posições adotadas durante a vida: de nada querer saber sobre seu desejo, apenas gozar.

Quando se trata de uma instituição que, como a indústria, é marcada por significantes mestres e por lugares de saber, a demanda inicial exige que o analista ocupe um lugar de saber sobre as questões: seja da gerência ou dos funcionários. É o outro ou o Outro que deve me dizer o que fazer. Não se trata de uma demanda de querer saber, mas sim de uma exigência de solução, pois já se chega com uma defesa: você veio para solucionar os conflitos, ou mesmo, vim para ser treinado, vim para ser ensinado.

A transformação dessa demanda de saber ou de nada querer saber em demanda de saber sobre si, irá depender da tomada de posição daquele que ocupa o lugar de agente do discurso do analista. Se ele encarnar o saber e acreditar que tem respostas para as questões da “equipe”, não ocupará esse lugar e contribuirá mais uma vez para o silenciamento do

sujeito, tal qual ocorre no discurso do mestre e em suas versões modernas. Afinal, todo saber continuará estando de posse do Outro, nesse caso representado pelo psicólogo, não havendo deste modo, possibilidade de surgimento do sujeito. “É somente supondo um saber no próprio sujeito que demanda que se cria a possibilidade da aplicação da psicanálise para que cada sujeito encontre seu particular no universo” (BRAGA, 2007) coletivizante da indústria.

A identificação ao lugar de *funcionário* “pressupõe uma nomeação do Outro, com a qual o sujeito se identifica e se aliena, isso impossibilita que ele, enquanto sujeito do inconsciente apareça” (BRAGA, 2007). E quando ele aceita participar de uma proposta de “atividade”, “de certa forma isso reforça esta identificação” (BRAGA, 2007), e, dependendo de como o agente do discurso se posicione, o sujeito permanecerá cristalizado nessa posição, não se questionando *sobre* a posição que ocupa em relação ao seu desejo e ao do Outro.

O fato de aceitar a proposta de uma escuta analítica, não significa que o funcionário esteja disposto a abrir mão do seu gozo. Na verdade, o que ocorre é que o funcionário, inicialmente, tenta depositar suas questões no analista, para que ele dê conta delas, o que revela sua tentativa de permanecer alienado em seu gozo enquanto objeto da demanda da indústria, tomando o analista como S1, seja do discurso do mestre ou da histórica.

Portanto a presente proposta, mais do que receber o funcionário, visa implicá-lo em um discurso do qual participa e ajuda a manter, o que marca o início da passagem do gozo ao desejo ao provocar no sujeito “uma primeira localização de sua posição no real” (LACAN, 1998b, pág. 602).

Se o funcionário se cristalizar no lugar de membro de uma equipe, de um grupo, de uma coletividade acreditará que as questões que tem são questões universais e que deve a elas se adequar ou negar um saber instituído. Não haverá, portanto, o interesse em querer saber sobre si, sobre sua posição.

Para que o funcionário se dê conta da incompletude do Outro - visto que o Outro é barrado pela presença do sujeito - é preciso que o analista ocupe o lugar de falta, para que o gozo ceda espaço para a dimensão do desejo, até então seqüestrado pelas posições discursivas, trabalhando com a hipótese do sujeito do inconsciente visando à implicação do

funcionário em seu próprio discurso, abrindo mão de ao menos uma cota de seu gozo para que algo de enigmático possa causar o sujeito.

7.5. Efeitos terapêuticos.

O encontro com um analista, cujas intervenções se baseiam no discurso do analista, onde quer que se dê, produz efeitos no sujeito que podem ser chamados de efeitos terapêuticos.

Os efeitos terapêuticos, a bem da verdade, são efeitos de uma certa recuperação pela pessoa de uma posição subjetiva, de uma verdade antes desconhecida, quer seja profissionalmente mediada pela ética da psicanálise – portanto considerando-se as formações do inconsciente - quer seja em um outro meio, uma vez que é o contato do sujeito com os significantes advindos do desejo do outro que podem produzir, nele, um efeito.

No caso do funcionário de uma indústria, a partir desse contato com um analista, e devido aos efeitos terapêuticos que podem advir desse contato, ele pode passar a se relacionar melhor com seu semelhante, ou seja, esse contato pode provocar uma desidealização e colocar em marcha o inconsciente como um dispositivo que produz um sentido libidinal, pois “a restituição da trama do sentido e a inscrição do trauma na particularidade inconsciente do sujeito é curativa.” (GUILAÑA, 2006)

Naquele contato com o analista, portanto, produzem-se os primeiros sinais, os primeiros vestígios de uma retificação subjetiva, onde o sujeito se questiona qual seu lugar em tudo isso que traz como queixa. O que convoca o sujeito a se implicar com seu sintoma e não em se aliviar dele.

Essa seria, como afirma Lúcia D’Angelo (2006, pág. 37, tradução nossa):

(...) a diferença entre uma terapia breve, que promove a modificação ou eventualmente o desaparecimento do sintoma, do que é um efeito terapêutico

*rápido, que reduz o gozo implicado no sintoma do sujeito e que retoma um novo ciclo na direção da cura*¹².

A psicanálise é feita de ciclos e um ciclo termina com um enigma que produz o início de outro ciclo, que pode vir num primeiro, num segundo, ou em vários contatos com o analista e que tendem a provocar um alívio no sujeito. Alívio provocado pela desidealização do outro, tal como revela o exemplo abaixo retirado de minha prática.

Recebo uma funcionária que, tentando inicialmente provar que tudo anda bem, acaba dizendo da relação com uma colega de trabalho:

- Quando comecei a trabalhar aqui, ela me ajudava muito, éramos amigas, contava minhas coisas para ela, ela me ouvia. Agora ela mudou, só conversamos o necessário. Com os outros colegas, minha relação é diferente. Eles foram meus padrinhos de casamento, estamos sempre na casa um do outro, e com ela é diferente. Eu me decepcionei muito. Aconteceu a mesma coisa com meu pai. Ele me decepcionou muito e eu nunca mais conversei com ele. Pra mim ele morreu. Ela também. E a pior hora do meu dia é quando tenho que encontrar com ela. Ela não me conta mais nada, nem eu a ela.

- Ela não me conta...?!

- Ela é esquisita com todo mundo, conta um problema pessoal e quando tentamos ir mais longe ela muda de assunto, sai da sala.

- No início era diferente...

(susto, silêncio, choro)

- Não é verdade ... ela sempre foi esquisita, eu é que achava que ela era diferente e me decepcionei.

- Como com,... meu pai...?

¹² “(...) la diferencia entre uma terapia breve, que promueve la modificación o eventualmente la desaparición del sintoma, de lo que es un efecto terapêutico rápido, que reduce el goce implicado em el sintoma Del sujeto y que relanza un nuevo ciclo em la dirección de la cura.”

- Acho que sou muito ingênua com as pessoas.
- Ingênua?
- Ingênua não. Burra. Acho que **não quero ver** que as pessoas são diferentes do que **eu gostaria que fossem**. Até com meu marido é assim. Ele é ótimo. Mas acho que vejo o que ele não é.
- Vejo o que não é.

No mês seguinte, a mesma funcionária me procura e diz que retomou a terapia que havia interrompido, depois da entrevista relatada acima, que tinha se dado conta que estava vendo **coisas que não existiam** na relação com a colega de trabalho, com o marido e com o pai, que na verdade ela e a colega nunca haviam sido amigas e que ela havia se decepcionado porque “a outra” na verdade não correspondeu às suas expectativas, não quis ser sua amiga. Tomar contato com essas idéias, com esses elementos subjetivos, fizeram-na retornar à terapia anterior.

Porém, como dito anteriormente, qualquer encontro pode provocar esse efeito de alívio, qual seria então a especificidade do encontro com o analista?

O que chamamos de efeitos terapêuticos, Freud denominava de fuga pela saúde, como afirma Miller (MILLER, 2006, pág. 94, tradução nossa),

(...) porque para ele a análise era interminável. Casos de curas terminadas lhe pareciam horríveis. Lhe pareciam que não eram análise. Porém para Lacan, que tem a idéia de que as análises terminam, essas são coisas preciosas porque demonstram o caráter finito da experiência, mesmo que seja somente de um ciclo. Sempre se podem refazer ciclos, porém cada ciclo na experiência tem sua completude.¹³

E em cada ciclo aparece uma questão, um vazio novo que mobiliza o trabalho libidinal do inconsciente. Portanto a análise não se faz em uma linha reta com um único início e um

¹³ “Porque para él el análisis era interminable. Casos de curas terminadas le parecían horribles, le parecían que no eran análisis. Pero para Lacan, que tiene la Idea de que los análisis sí se terminan, éstas son cosas preciosas porque demuestran el carácter finito de la experiencia, aunque sea solamente de un ciclo. Siempre se pueden rehacer ciclos, pero cada ciclo em la experiencia tiene su completud.”

único final, ela se constrói em ciclos. Embora a presente proposta não seja a de levar o funcionário a completar um ciclo.

A psicanálise pura levada de seu início ao fim está para o ciclo, assim como um ciclo está para um encontro com um analista numa experiência em um grupo de discussão na indústria. A presença de um analista que se mantém na posição de fazer semblante de objeto *a* pode possibilitar, como já dito, mesmo que minimamente um primeiro discernimento de um sujeito em relação às suas modificações subjetivas que antes lhe eram desconhecidas.

A proposta do presente trabalho é exatamente a tentativa de oferecer ao funcionário a possibilidade de se implicar - mesmo que minimamente - em seu discurso de um modo menos alienado, no sentido de não ser sugado por um modo de enlaçamento com o outro por nada querer saber sobre seu gozo, sobre sua participação numa trama da qual participa ativamente com sua cota de gozo da qual se recusa a abrir mão e da qual se queixa.

Nesse sentido, o funcionário pode utilizar “a relação com um analista como para realizar uma fase de transição de uma identificação a outra, de uma parte de sua vida a outra”¹⁴ (MILLER, 2006, pág. 104, tradução nossa), descartando-o depois e não fazendo desse encontro “um destino ou o lugar de uma verdade fundamental porque o que lhe interessa não é a verdade, sim fazer, produzir.”¹⁵ (MILLER, 2006, pág. 104, tradução nossa). Por outro lado, “o ser do analista é isto, é ser um instrumento; é ser nada mais que isto; é algo que alguém toma e se analisa com esse instrumento. E nossa arte é saber prestar-nos a isso, prestar-nos sem colocarmos demasiadas idéias de grandeza”¹⁶.” (MILLER, 2006, pág. 105, tradução nossa)

Creio que o contrato que se pode fazer em um trabalho que visa um efeito mesmo que mínimo de implicação de um funcionário da indústria, na vertente da psicanálise não seja, em termos estruturais da política e da ética da psicanálise diferente daquele que Miller diz sobre as instituições que trabalham com psicanálise visando efeitos terapêuticos, qual

¹⁴ (...) la relación com um analista como para realizar una fase de transición de una identificación a outra, de una parte de su vida a outra.”

¹⁵ “ (...) um destino o el lugar de una verdad fundamental porque lo que le interesa no es la verdad sino hacer, roducir.”

¹⁶ “ El ser Del analista es esto; es ser um instrumento. Es ser nada más que esto; es algo que alguien toma y se analiza com esse instrumento. Y nuestro arte es saber prestarnos a esto, prestarnos sin poner demasiadas ideas de grandeza”

seja, o de “levá-lo à conclusão do primeiro ciclo e um primeiro ciclo pode ser breve¹⁷” (MILLER, 2006, pág. 109, tradução nossa). Mesmo que o que se pretenda não tenha o alcance de um ciclo.

Em termos psicanalíticos, uma queixa não é necessariamente um sintoma, uma vez que a queixa não é necessariamente uma posição do sujeito em relação ao seu desejo e a seus modos de gozo, portanto não diz respeito às questões do sujeito do inconsciente. Deste modo, se o funcionário não se dispõe a sair da queixa para as questões sintomáticas, estamos nos outros discursos e não nas relações pretendidas pelo discurso do analista, pois aí, na queixa não se encontra o sujeito do inconsciente, apenas o indivíduo com suas identificações faltosas.

Portanto essa proposta é uma tentativa de situar o sujeito – mesmo que minimamente - frente a seus modos de gozo e a seu desejo, possibilitando-lhe perceber que, do lugar de suas queixas sobre suas más sortes, ele participa com o seu desejo e o seu gozo. Participa ativamente ajudando a montar a trama cuja queixa lhe consome os trabalhos e os dias.

Ao se dar conta dos modos de gozo, as formas de buscá-lo e o preço mortificante que se paga por tais modos de gozo – cuja intervenção do analista o ajuda a localizar - o sujeito pode deixar de estabelecer laços sociais a partir de uma posição de vítima, implicando-se em seu discurso, dando-se conta da existência em si mesmo de uma dimensão mais além da mera consciência.

7.6. Pensar a posição de semblante de objeto *a* de um analista na indústria.

O analista ao ocupar seu lugar como semblante de objeto *a*, enquanto impossibilidade provoca o sujeito a assumir a cena desprendendo-se de uma cota de gozo em sua relação com o outro. Inicialmente o sujeito tende a convocar o analista a ocupar a cena com significantes que lhe tragam alívio diante do vazio.

¹⁷ “(...) llevarlo a la conclusión del primer ciclo y um primer ciclo puede ser breve.”

O exemplo abaixo, retirado da prática, mostra essa tentativa. Deu-se em um trabalho com um grupo de funcionários:

- Como estão as coisas, desde que nos encontramos pela última vez?

Longo silêncio.

- Como assim? (um funcionário pergunta tentando diminuir a angústia do vazio produzido pelo silêncio).

Silêncio.

- Na última vez que nos encontramos vocês disseram coisas importantes, combinamos que vocês pensariam no que haviam dito e voltaríamos a conversar sobre o impacto dessas coisas no dia-a-dia de vocês...

Silêncio longo.

- Não me lembro. Você anotou (pergunta para mim)? Podia ler pra gente se lembrar.

- Dizem e não querem mais se lembrar, um outro guardará e lhes trará as questões como se estas não tivessem partido de vocês. Parece que nada mais se lembram sobre o que lhes pertence. Se nada mais pode ser lembrado, fica-se sem nada.

Interrompo e abro a porta me despedindo deles que vão saindo “aturdidos”.

Posteriormente notícias dão conta de que foram tocados pela interpretação se perguntando o que se esperava deles, o que havia acontecido, o que haviam dito anteriormente, porque o analista não lhes trouxera respostas se a proposta de trabalho era adequada (numa tentativa de sempre repetir e continuar no gozo que paralisa). Tentavam entender qual seu lugar no desejo do Outro. Numa tentativa de dar ao analista o lugar desse Outro, enquanto gozador, sustentando a fantasia de nunca se perder nada do gozo, numa

repetição de um certo discurso de maestria da indústria: ordene nossas questões, ordene e nos ordene.

Nesse ponto, faz-se necessário uma ressalva no que concerne à interpretação. Para que essa possa dar frutos é necessário que o analista tenha sido colocado no lugar de objeto. A interpretação deve respeitar à posição de não resposta, ou seja, não cabe ao analista responder à demanda. No exemplo acima, responder à demanda seria oferecer a eles objetos de gozo em forma de questões coletadas, ditas ao vento, questões sem sujeito, colocando nelas sujeitos, como se esses aí quisessem estar.

Com essa intervenção, o analista busca dar-lhes a liberdade de produzir ou não, de voltar ou não, de assumir ou não um lugar no discurso com seu desejo. Para isso devem pagar com uma cota de gozo, pois não há movimento discursivo que não deixe para trás algo, algo da ordem de uma perda. No discurso do analista, essa perda está representada pelo S1 no lugar de produção ou perda, perda de gozo do lugar ocupado até então no desejo do Outro tido como completo. Às vezes, é preciso deixar o sujeito ir-se para que possa se haver com seus restos, para que a partir disso possa, num outro momento, desejar saber.

Só se pode ser dono de si, quando se decide pagar um preço abrindo mão da cota de gozo que atrela o sujeito a um outro. É preciso que haja uma perda. É preciso que o funcionário tome os significantes que o orientavam, um por um – e lhes dê um outro lugar na sua relação com o outro. Que tome esse outro não mais como um Outro religioso, no sentido de que há um Deus que tudo sabe e que tudo pode dar e sim em um “sentido furado”. Não se deve esquecer que esse Outro é povoado pelo sujeito, e que por definição é um furo na cadeia discursiva, é o que escapa, que sobra à lógica discursiva do mestre:

“-Outro dia em uma reunião do condomínio é que eu me dei conta de uma coisa que discutimos aqui e que me chocou muito na época, mas só naquele dia é que comecei a entender: não existe mudança em equipe, o que existe é uma mudança pessoal. Para mim ficou claro que não tem trabalho nenhum que possa ser feito **com a gente**, o trabalho é de **cada um**. Desse dia em diante, e já avisei para o meu chefe, eu não participo de nenhum trabalho de

desenvolvimento de equipe, o desenvolvimento é meu, tem que ser de cada um, ninguém pode convencer ninguém de nada”.

Inicialmente, para que o funcionário aceite intervenções que apontem para as formações do inconsciente é necessário que elas não toquem diretamente o real do gozo que revela um comprometimento com o Outro.

Sustentar um semblante no lugar de *a* aponta para a barra que separa o lugar do agente e o lugar da verdade no discurso do analista e revela que, ao ocupar esse lugar de objeto causa de desejo, o analista é sustentado pela verdade do saber sobre a castração, bordejando a compreensão da inexistência da proporção na relação sexual.

Fazer semblante de objeto *a* é tomar por base o discurso do analista, por ser este o único modo discursivo que toma o outro como sujeito, e o único modo discursivo que não permite a produção de identificações com o Um. O que aí se produz é o S1. O que significa que o significante mestre não é dado pelo analista sendo tomado como a verdade do funcionário, os significantes são sempre produzidos pelo funcionário e nunca serão os mesmos devido à produção que é feita em cima dos anteriores, num trabalho de desvelamento.

Na intervenção temos o saber no lugar da verdade e o que se produz é algo relativo aos modos de gozo do funcionário, o que ele sustenta e ajuda a manter numa posição, até então, alienada. O que se produz ali nunca será algo da ordem do real e sim do ficcional, das produções do inconsciente, como no exemplo abaixo;

Em uma entrevista com um gerente ele, de repente, começa a dizer das qualidades de um outro gerente a ele subordinado. Em certo momento diz:

- “Faço tudo para não passar por ele”.

Pontuo:

- Não passar?!

Depois de um silêncio ele diz:

-“É, entendi o que tenho feito: embora diga que o acho competente, inteligente, na verdade tenho feito as coisas – sem que tivesse me

dado conta – de um jeito que elas nem passam por ele. Por que tenho feito isso? Porque na verdade não confio nele inteiramente, acho ele muito novo para a função. Eu, na idade dele não estaria preparado para isso. Agindo assim com ele, tenho dificultado a vida dele, pensando que estou passando por ele”.

O sujeito enquanto furo, falha se apresenta nos intervalos, nos furos de uma cadeia discursiva lógica. Tal como no exemplo acima.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho foi a tentativa de demonstrar a possibilidade de o analista ocupar seu lugar enquanto semblante de objeto *a*, para possibilitar, mesmo que minimamente, um primeiro discernimento do sujeito em sua posição no real, a partir da proposta lacaniana de leitura dos discursos como modo de laço entre o sujeito e o outro.

O analista inicialmente é convocado pela indústria a ocupar um lugar do qual possa mobilizar um funcionário para que este contribua com a lógica de funcionamento das coisas tal como deseja a indústria, numa lógica de funcionamento que está de acordo com as leis do mercado, do consumo, convocando o funcionário a juntar-se a outros, formando uma multidão na lógica do todos iguais, dos códigos de defesa das coletividades, das regras equânimes para todos, num modo de funcionamento que tende a tornar o particular como algo impossível de ser ouvido, impossível de ter lugar, dentro do modo discursivo do capitalista.

Em suma, a lógica do discurso do capitalista conclama um funcionário a atender ao chamado global ao agrupamento que é regido pelas leis da coletividade e que torna todos uma grande massa rumo a uma união internacional de consumo: de ideais, de objetos, de estilos, de pensamentos, de sonhos.

O analista, ao ocupar o lugar de semblante de objeto, faz oposição a essa lógica do todos iguais, como esse trabalho buscou demonstrar, se recusando a tomar o um pelo coletivo. A lei que inspira seu ato é a Lei da Castração, que aponta para a impossibilidade da totalidade, sua a ética - que inspira sua atuação - é a ética do desejo do inconsciente.

Nesse sentido, essa proposta aponta para a possibilidade de pensarmos na tentativa de resgate do sujeito do universo coletivizante da indústria buscando implicar, mesmo que minimamente, o sujeito em um discurso que ajuda a manter e, que, alienadamente, apresenta como queixa.

Desse modo, essa proposta foi a tentativa de demonstrar e possibilitar a um funcionário se posicionar de um modo menos devastador na cena do Outro. Não sem considerar as limitações de uma intervenção do analista enquanto semblante de *a* num ambiente tão grandemente regido pela lógica de funcionamento do discurso do capitalista.

Creio que, por esse contato, pontual que seja com alguém que ocupa o lugar de semblante de a , o sujeito pode ser tocado (se tocar) sobre a posição que ocupa e que sustenta com seu gozo.

O avanço na direção de um trabalho de desvelamento dos modos de gozo do sujeito logicamente depende de uma decisão do sujeito em iniciar um trabalho subjetivo para que, a partir daí, consiga abrir mão da cota de gozo que o mantém atrelado ao outro, o que só seria possível em um trabalho de análise.

Em outras palavras, a presente proposta pretendeu demonstrar a possibilidade de escuta do sujeito, mesmo em espaços que tendem a privilegiar a cristalização do sujeito em um modo discursivo, mesmo que tal escuta não possa levar o sujeito a um atravessamento do fantasma. Esse encontro com a intervenção na lógica do discurso do analista pode oferecer-lhe um primeiro discernimento de sua posição no real, ou um primeiro movimento nesse sentido.

8. BIBLIOGRAFIA:

ALLENDE, Graciela *et al.*; Entre estilo y sintonía. In **Terceiro Encontro Americano e XV Encontro Internacional do Campo Freudiano**. 2007, Belo Horizonte

ALONSO, Mónica Alonso, et al. (relator: Mario Goldenberg) et al.; Rompecabezas. In **Terceiro Encontro Americano e XV Encontro Internacional do Campo Freudiano**. 2007, Belo Horizonte.

ALMEIDA, Franciele *et al.*; Efeitos de interpretação no dispositivo coletivo com crianças no DIGAÍ-Maré. In **Terceiro Encontro Americano e XV Encontro Internacional do Campo Freudiano**. 2007, Belo Horizonte.

AMIGO, Silvia. Notas sobre o discurso do analista, In **Os discursos e a cura**, Isidoro Vegh Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001..

América Latina: a escravidão boliviana nas indústrias têxteis do Brasil e da Argentina. 26.08.2007 Disponível em: <http://www.movimentonn.org/noticia.php?id=mu070826a> Acessado em 19/02/08.

ANZIEU, Didier (1972). La interpretación en grupo de diagnóstico. In **El trabajo psicoanalítico en los grupos**, ANZIEU, Didier; *et al.* Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 1978, pág. 311-321.

ARENAS, Alicia. Tipo clínico e caso único, conceitos que não se recobrem. In **A variedade da prática: do tipo clínico ao caso único em psicanálise, texto do Terceiro encontro americano, XV encontro internacional do campo freudiano**. ALVARENGA, Elisa; FAVRET, Ennia; CÁRDENAS, María Hortensia (orgs.): Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007, pag. 57-62..

ASSOCIAÇÃO DO CAMPO FREUDIANO **Pertinências da psicanálise aplicada: trabalhos da Escola da Causa Freudiana reunidos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária., 2007.

BEJARANO, Ângelo (1972). Introducción: la perspectiva psicoanalítica aplicada a los grupos. In **El trabajo psicoanalítico en los grupos**, ANAIEU, Didier; *et al.* Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 1978, pág. 119-227.

BEJARANO, Ângelo (1972). Introducción: la perspectiva psicoanalítica aplicada a los grupos. In **El trabajo psicoanalítico en los grupos**, ANAIEU, Didier; *et al.* Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 1978, pág. 361-367.

BEAUVOIR, Simone de. Todos os homens são mortais. São Paulo: Círculo do Livro, 1946 Pág. 204.

BAUDELAIRE, Charles, *As flores do mal*, São Paulo: Martin Claret, 2007.

BRAGA, Ana Beatriz C. Fernandes *et al.* A transferência com a instituição: uma experiência com a psicanálise numa equipe multidisciplinar. In **Terceiro Encontro Americano e XV Encontro Internacional do Campo Freudiano**. 2007, Belo Horizonte.

BRODSKY, Graciela. A eficácia da psicanálise, In **Opção Lacaniana n° 41**, dezembro de 2004., pág. 68-87

BROUSSE, Marie-Hélène. Três pontos de ancoragem, In **Pertinências da psicanálise aplicada: trabalhos da escola da causa freudiana reunidos**. RIBEIRO, Vera Avellar (tradução). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. Pág. 25.

CAMARGO, Mônica Bueno de. Algumas questões sobre a psicanálise aplicada, In **Opção Lacaniana n° 34**, outubro de 2002, pág. 60-63.

CÁRDENAS, Maria Hortênsia. A prática lacaniana e a psicanálise aplicada, In **Opção Lacaniana n° 38**, novembro de 2003, pág. 105-108.

CARRERA, Estela (Relatora: Ana Simonetti) *et al.* De los signos clínicos al tipo clínico. In **Terceiro Encontro Americano e XV Encontro Internacional do Campo Freudiano**. 2007, Belo Horizonte

CIACCIA, Antonio Di, O laço social, In **Psicanálise e psicoterapia**, Forbes, Jorge (org.). Campinas: Papyrus, 1997 pág. 65-73.

COUTO, Sônia. **Violência Doméstica: uma nova intervenção terapêutica**. Belo Horizonte: Autêntica/Fumec, 2005

COUTO, Luis Flávio S. **Dora, uma experiência dialética**. *Ágora (Rio J.)* [online]. 2004, vol. 7, no. 2 [citado 2007-01-23], pp. 265-278. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151614982004000200006&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1516-1498.

COUTO, Luís Flávio Silva, (Relatora: Suzana Faleiro Barroso) *et al.* Angélica: a débil. In **Terceiro Encontro Americano e XV Encontro Internacional do Campo Freudiano**. 2007, Belo Horizonte.

D'ANGELO, Lúcia. Terapias breves *versus* efectos terapêuticos rápidos, In **Efectos terapêuticos rápidos: conversaciones clínicas com Jacques-Alain Miller em Barcelona**: Buenos Aires: Paidós, 2006. pág. 34-41.

FARAGE, Maria Aparecida; RIBEIRO, Patricia, (Reladoras: Cristina Vidigal, Tereza Facury) Do fenômeno psicossomático ao romance familiar. In **Terceiro Encontro Americano e XV Encontro Internacional do Campo Freudiano**. 2007, Belo Horizonte.

FREUD, Sigmund,. Mal estar na civilização. (1927/1931). **Obras completas de Sigmund Freud**: Edição Standard brasileira, Rio de Janeiro: Imago, vol. 21, 1974a, pág. 81-171.

FREUD, Sigmund,. Análise terminável e interminável (1937). **Obras completas de Sigmund Freud**: Edição Standard brasileira, Rio de Janeiro: Imago, vol. 23, 1974b. pág. 241-287.

FREUD, Sigmund,. Análise terminável e interminável (1937). **Obras completas de Sigmund Freud**: Edição Standard brasileira, Rio de Janeiro: Imago, vol. 23, 1974c. pág. 241-287.

FREUD, Sigmund,. Fragmentos da análise de um caso de histeria (1905). **Obras completas de Sigmund Freud**: Edição Standard brasileira, Rio de Janeiro: Imago, vol. 07, 1974d. pág. 11-115.

FREUD, Sigmund,. Notas sobre um caso de neurose obsessiva (1909). **Obras completas de Sigmund Freud**: Edição Standard brasileira, Rio de Janeiro: Imago, vol. 10, 1974e. pág. 156-317.

GERSCOVICH, José,. **Prática clínica da moderna psicanálise em grupos**. Petrópolis: Vozes, 1980, pág. 11-40.

GUILAÑA, Elvira (2006), La conversación, In **Efectos terapéuticos rápidos: conversaciones clínicas com Jacques-Alain Miller em Barcelona**: Buenos Aires: Paidós, 2006. pág. 65.

GUREVICZ, Mónica, *et al.*: Con Red In **Terceiro Encontro Americano e XV Encontro Internacional do Campo Freudiano 2007**, Belo Horizonte.

HEGEL, G.W.F. (1807). **Fenomenologia do espírito**. Petrópolis: Vozes, 1999, v. 2.

HESSE, Hermann, 1877 – 1962. **O lobo da estepe**: tradução de Ivo Barroso. 23ª edição. Rio de Janeiro: Record. 1993. Pág. 219.

HUNTER, James. **O monge e o executivo, uma história sobre a essência da liderança**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

JOHNSON, Spencer. **Quem mexeu no meu queijo?** Record: 21ª Edição: São Paulo. 2001.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. Pg. 502.

LACAN, Jacques (1970). **O Seminário – livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992a.

LACAN, Jacques (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano, In **Escritos** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a, p. 807-842.

LACAN, Jacques (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder In **Escritos** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b, p. 591-652.

LACAN, Jacques (1984). “discours de clôture dès Journées sur lês psychoses chez l’enfant”. Enfance aliénée. Paris: Denoel, 1984.

LACAN, Jacques . Discours de Jacques Lacan à l’Université de Milan le 12 mai 1972, paru dans l’ouvrage bilingue: Lacan in Italia 1953-1978. En Italie Lacan, Milan, **La Salamandra**, 1978, pp. 32-55.

LACAN, Jacques (1972/1973). Do gozo, In **O Seminário – livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, pág. 9-23.

LACAN, Jacques (1960/1961). **O Seminário – livro 08: A transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992b.

LACAN, Jacques (1964). O inconsciente freudiano e o nosso, In **O Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, pág. 23-32.

LACAN, Jacques (1972/1973). O saber e a verdade, In **O Seminário – livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, pág. 121-141.

LACAN, Jacques (1951). Intervenção sobre a transferência, In **Escritos** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998c, p. 214-225.

LACAN, Jacques (1957). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud, In **Escritos** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998d, pág. 496-533.

LACAN, Jacques. O aturdido In **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003a. pág. 448-497.

LACAN, Jacques (1970). Radiofonia In **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,. 2003b, pág. 400-447.

LACAN, Jacques (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 In **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,. 2003c, pág. 248-264.

LACAN, Jacques (1967-1968). O ato psicanalítico In **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,. 2003d, pág. 371-379.

LACAN, J. (1968). Discurso de Encerramento das Jornadas Sobre as Psicoses na Criança. Boletim da APPOA. v.4, n.7, p.02-05, ago./1992

MILLER, Jacques-Alain. Psicanálise pura, psicanálise aplicada & psicoterapia, In **Phoenix**, nº 3. Curitiba: Escola Brasileira de Psicanálise – Delegação Paraná, setembro 2001, pág. 09-43.

MILLER, Jacques-Alain. O real é sem lei, In **Opção Lacaniana** n ° 34, outubro de 2002, pág. 7-16.

MILLER, Jacques-Alain. Psicoterapia e psicanálise, In **Psicanálise e psicoterapia**, Forbes, Jorge (org.). Campinas: Papirus, pág. 9-19, 1997..

MILLER, Jacques-Alain, *et al* **Efectos terapêuticos rápidos: conversaciones clínicas con Jacques-Alain Miller en Barcelona**: Buenos Aires: Paidós, 2006,

MISSENARD, André (1972). Las dos reglas fundamentales de la interpretación en los grupos. In **El trabajo psicoanalítico en los grupos**, ANAIEU, Didier; *at al*. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 1978, pág. 361-367..

NOGUEIRA, Luiz Carlos. **O campo lacaniano: desejo e gozo**. Psicologia USP, São Paulo, v. 10, n. 2, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641999000200007&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 31 Janeiro 2007 doi: 10.1590/S0103-65641999000200007.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Pró-Reitoria de Graduação. Sistema de Bibliotecas. **Padrão PUC Minas de normalização**: normas da ABNT para apresentação de trabalhos científicos, teses, dissertações e monografias. Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <<http://www.pucminas.br/biblioteca>>. Acesso em: 13/04/08.

PUEL, Samuel Gonzáles. La expresión de la necesidad, la demanda y el deseo: perspectivas desde um punto de vista institucional, In **Estados generales Del psicoanálisis: segundo encuentro mundial**, Rio de Janeiro, 2003.

QUINET, Antonio.. **As 4+1 condições da análise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.

QUINET, Antonio. **Psicose e laço social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

QUINET, Antonio. **A descoberta do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

SANTOS, Tânia Coelho dos (org.). **Efeitos terapêuticos na psicanálise aplicada**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.

SOUZA, Aurélio **Os discursos na psicanálise**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud. 2004

RABINOVICH, Diana (2005). O psicanalista entre o Mestre e o Pedagogo. In: **Cadernos de psicologia; Revista do Departamento de Psicologia da UFMG**: Belo Horizonte, v. 11, ano 2005, pág 9 – 28.

STOLZING, Gricelda *et al.* Intervención del psicoanalista, lo imposible en su corazón. In Terceiro Encontro Americano e XV Encontro Internacional do Campo Freudiano. 2007, Belo Horizonte.

WAINSZTEIN, Silvia (2001) O discurso do mestre, In VEGH, Isidoro. **Os discursos e a cura**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud Editora, 2001.

VEGH, Isidoro (at al.) (1999). **Os discursos e a cura**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud Editora, 2001.

ZENONI, Alfredo, Um cas de psychanalyse appliquee: la pratique en institution. Disponível em <http://www.wapol.org/en/psicoytera/psicoytera.asp?/psicoytera/panorama/situacion/zenoni-uncas.html>. Acesso em: 19/09/2007.

ZENONI, Alfredo. Psychoanalytic clinic in institution. Disponível em: http://www.ch-freudien-be.org/Papers/Txt/Zenoni_f4.PDF. Acesso em: 02/10/2007.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)